

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JOÁS DE SOUZA MENEZES

TEMPOS DE ANGÚSTIA E DESAMPARO: UM ESTUDO DE I
TESSALONICENSES COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A JUVENTUDE
UNIVERSITÁRIA CRISTÃ

São Leopoldo

2013

JOÁS DE SOUZA MENEZES

TEMPOS DE ANGÚSTIA E DESAMPARO: UM ESTUDO DE I
TESSALONICENSES COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A JUVENTUDE
UNIVERSITÁRIA CRISTÃ

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-graduação
Linha de pesquisa: Leitura e
Ensino da Bíblia

Orientador(a): Karin Hellen Kepler Wondracek

São Leopoldo

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M543t Menezes, Joás de Souza

Tempos de angústia e desamparo: um estudo de I Tessalonicenses como contribuição para a juventude universitária cristã / Joás de Souza Menezes ; orientadora Karin Hellen Kepler Wondracek. – São Leopoldo : EST/PPG, 2013.
81 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2013.

1. Bíblia. N.T. Tessalonicenses, I – Crítica, interpretação, etc. 2. Bíblia – Estudo e ensino. 3. Bíblia – Hermenêutica. 4. Juventude – Comportamento social. 5. Estudantes universitários – Vida religiosa. 6. Jovens – Aspectos religiosos. I. Wondracek, Karin Hellen Kepler. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

JOÁS DE SOUZA MENEZES

TEMPOS DE ANGÚSTIA E DESAMPARO: UM ESTUDO DE I
TESSALONICENSES COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A JUVENTUDE
UNIVERSITÁRIA CRISTÃ

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-graduação
Linha de pesquisa: Leitura e
Ensino da Bíblia

Data: 02 de Agosto de 2013

Karin Hellen Kepler Wondracek – Doutora em Teologia – EST

Remí Klein – Doutor em Teologia - EST

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos pais, por investirem em minha vida e pela intercessão contínua por mim. Aos meus irmãos, pela torcida e estímulo na caminhada.

À minha esposa Ivana, pela paciência e apoio, por ter estado ao meu lado em todo o tempo e por ter sido tão paciente e compreensiva em um momento em que deveria estar recebendo o meu cuidado.

À minha amada Igreja Batista Sião, por ter propiciado um espaço onde eu pudesse me desenvolver. Especialmente à Juventude Sião que foi fonte de observação para minha pesquisa.

Aos meus queridos pastores Walter Baptista e José Sales, pelo incentivo desde o início e por ser fonte de inspiração para mim no labor acadêmico.

Aos queridos irmãos, Hamilton Bonfim, Neuza Sales, Carlos Silveira, que não apenas torceram, mas investiram recursos para que eu pudesse realizar esse sonho.

Aos colegas do mestrado, pelas experiências compartilhadas e por ser presença contínua nesses dois anos, nos dias de calor e de frio em São Leopoldo.

Aos queridos mestres da EST e da vida; que durante a minha trajetória compartilharam seu saber. Dedico-lhes minha gratidão.

Ao Professor Dr. Ênio Mueller pela acolhida nos primeiros momentos de orientação e por ter sugerido minha orientadora.

Ao Professor Dr. Remí Klein por ter participado como um dos examinadores e pela grandiosa contribuição que deu ao meu trabalho.

À minha querida orientadora, Dra. Karin Hellen Kepler Wondracek, por me acompanhar nesse momento tão especial, dando sugestões tão importantes para o aprimoramento do meu trabalho; sem ela o trabalho não atingiria o seu objetivo.

Ao prestimoso amigo Amilton Alves pelas dicas úteis para a correção do texto. Ao amigo Prof. Brian Gordon Lutalo Kibuuka pelo auxílio nos momentos iniciais da pesquisa. Ao Dr. Luciano Santos, por me ajudar em um momento de discernimento e tomada de decisão tão importante.

Bem-Aventuraça das Juventudes

Felizes os jovens pobres de tudo o que lhes é de direito.

Deles é o jardim e a praça de Deus.

Felizes os manos e as minas que choram.

Eles e elas serão consolados amorosamente.

Felizes os jovens inspirados, teimosos, firmes.

Deles e delas será a terra.

Felizes os miúdos e as miúdas que têm fome e sede de justiça.

Eles e elas serão fartos.

Felizes os que têm e vivem a COMPAIXÃO para com o outro.

Eles e elas alcançarão a misericórdia do Deus vivo.

Felizes os limpos de coração e os jovens especiais,

Eles e elas verão a Deus;

Felizes os manos e as minas que lutam pela paz pacificando.

Eles e elas serão conhecidos como filhas e filhos de Deus.

Felizes os moços e as moças que assumem o risco da perseguição

Porque lutam pela justiça e pela paz.

Deles e delas é o jardim e a praça de Deus.

Felizes vocês que – por minha causa, disse Jesus –

Forem injuriados, perseguidos, espinafados todo dia,

Também quando, mentindo, fizerem todo o mal contra vocês.

Alegrem-se e deem a volta por cima – cantando –

Porque é grande o tesouro, a mina, que vocês têm guardado

No jardim e na praça de Deus.

Porque da mesma forma perseguiram aos profetas que vieram antes de vocês:

Dom Helder Câmara, Martin Luther King Jr., Dietrich Bonhoeffer.

Dom Oscar Romero, Santo Dias da Silva, Margarida Alves, Chico Mendes,

Marçal de Souza Tupã-y, Chicão Xucuru, Sepé Tiarajú,

Vladimir Herzog, Paulo Wright, Rose Sem Terra, Alexandre Vannuchi

E tantos outros manos e minas.

Vocês são e serão felizes porque descobriram a novidade da Vida!

Assim seja!

Roberto E. Zwetsch
São Leopoldo, maio de 2013

*“A Bíblia é como **coco** de casca dura. Esconde e protege uma água que **mata a sede** do romeiro cansado. Romeiros e peregrinos somos todos! Cansados também! **Vamos procurar** o facão que nos quebre a casca deste coco.”*

Carlos Mesters, “Flor sem Defesa”.

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar o perfil da Juventude Cristã Universitária Brasileira, visando destacar, na primeira parte, a partir de pesquisas atuais, os principais temas de interesse para tais jovens na contemporaneidade: universidade, trabalho, religiosidade, consumo e insegurança. Na segunda parte, propõe-se que uma leitura criteriosa da Bíblia pode servir para ajudar os jovens universitários a enfrentarem os desafios desses temas. Para isso, são apresentados alguns métodos de interpretação da Bíblia, tendo em vista que os mesmos são ferramentas valiosas para evitar distorções e reducionismos na leitura das Escrituras. Apresenta-se em seguida um breve resumo do método histórico-crítico e histórico-gramatical, da leitura sociológica, da leitura psicológica, do bibliodrama e da Lectio Divina, com o objetivo de demonstrar, em linhas gerais, os modelos de interpretação bíblica. Na terceira parte, um modelo de análise aplicada para os jovens é apresentado : uma perícopes na I Carta aos Tessalonicenses, cuja autoria é atribuída a Paulo. O objetivo é fazer um exercício de interpretação, além de demonstrar a atualidade do pensamento paulino. Analisa-se também, na presente pesquisa, a maneira como o filósofo Martin Heidegger interpretou essa carta paulina. O intuito é estabelecer um diálogo entre o pensamento paulino e os desafios enfrentados pelos jovens cristãos universitários em nossos dias.

Palavras-chave: Juventude, Bíblia, Interpretação, Paulo.

ABSTRACT

This work aims to analyze the profile of Brazilian Youth Christian University, aiming to highlight, in the first part, from current researches, the main topics of interest for such young people in contemporary society: university, job, religion, consumption and insecurity. In the second part, it is proposed that a careful reading of the Bible can help university students meet the challenges of these issues. Then, we present some methods of Bible interpretation, considering that they are valuable tools to avoid distortions or reductions of Scripture reading. After that, it presents a brief summary of the historical-critical method and historical-grammatical and sociological reading, psychological reading of bibliodrama and *Lectio Divina*, in order to demonstrate, in general, the models of biblical interpretation. In the third part, a youth applied analysis model is presented: one pericope in I Thessalonians, whose authorship is attributed to Paul. The goal is doing an exercise of interpretation, besides demonstrating the relevance of Pauline thoughts. Analyzes also, in this research also analyzes the way philosopher Martin Heidegger interpreted this Pauline letter. The object is to establish a dialogue between the Pauline thought and the challenges faced by University Young Christians nowadays.

Key-words: Youth, Bible, Interpretation, Paul.

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	07
INTRODUÇÃO.....	09
1. BREVE PANORAMA DA JUVENTUDE CRISTÃ UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA	13
1.1 Conceito de Juventude.....	13
1.2. Juventude e Universidade	17
1.2.1 Juventude, Universidade e crise de fé.....	19
1.3 Juventude e Trabalho: em busca de sentido para o “existir”.....	21
1.4 Juventude e Consumo: “Você tem sede de quê?”.....	23
1.5 Juventude e Religiosidade	27
1.5.1 Juventude Evangélica no Brasil e os desafios de testemunhar a fé no ambiente acadêmico.....	29
1.6 Juventude Cristã em busca de segurança em tempos de insegurança	31
2. O LUGAR DO TEXTO BÍBLICO NA FORMAÇÃO DA JUVENTUDE CRISTÃ UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA.....	33
2.1 Conhecendo alguns métodos de leitura da Bíblia	33
2.2 A Juventude Cristã Universitária com a Bíblia nas mãos	38
2.3 A leitura do texto bíblico como formadora de uma consciência crítica da realidade.....	39
2.4 A leitura do texto bíblico como estruturadora das relações existenciais	42
2.5 Um convite a Ser a partir da leitura bíblica	44
2.6 Juventude, leitura da Bíblia e mudança da realidade	45
2.7 A atualidade de Paulo: diálogo com os desafios da contemporaneidade	46
3. ESTUDO EM ITS 5. 1-11: UM GUIA PARA A JUVENTUDE CRISTÃ UNIVERSITÁRIA SUPERAR OS DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE	49
3.1 Para início de conversa: O que há por trás do texto?	50
3.1.1 A importância da 1ª Carta aos Tessalonicenses	51
3.1.2 A cidade de Tessalônica	52
3.1.2.1 Ambiente Social	53
3.1.2.2 Ambiente Econômico	55
3.1.2.3 Ambiente Político	55
3.1.2.4 Ambiente Religioso	56
3.2 “Tempo, tempo, tempo, tempo – Entendendo o Chronos e o Kairós	58
3.2.1 Chronos	59
3.2.2 Kairós	60
3.2.3 O tempo kairológico na vida da Juventude Cristã	61
3.3 Sabiam que vocês já sabem?.....	62
3.4 “Dia do Senhor”, o que é isso?	62
3.5 Tudo o que eu quero é viver em “paz e segurança”	64
3.6 Do “dia” ou da “noite”?	66
3.7 O Ponto alto do Ser: o tornar-se Cristão	68
CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS.....	75

INTRODUÇÃO

A construção dessa pesquisa foi alimentada por três paixões. A *primeira* delas é a paixão pela Bíblia. Essa foi gerada pelo esforço dos meus pais em fazer com que nós, a partir de uma experiência vivencial, aprendêssemos a amar a Deus. A Bíblia foi e continua sendo nossa companheira nesse processo. Desde cedo fomos estimulados a reverenciarmos esse livro e a buscarmos nele os princípios que serviriam para nortear a nossa existência.

A *segunda* paixão deriva da primeira. Nesse processo de aproximação e escuta da Bíblia encontramos os escritos paulinos. Fomos atraídos pelo pensamento vigoroso do Apóstolo Paulo e pela maneira como ele conseguiu unir realidades de pensamento tão distintas. Já tínhamos a convicção, desde cedo, de que, quando fôssemos construir uma pesquisa teológica no âmbito da pós-graduação, seria no Novo Testamento, a partir do *Corpus Paulinum*.

A *terceira* paixão é mais recente, mas de igual relevância. Há quase seis anos temos servido na Igreja Batista Sião, em Salvador, no trabalho com jovens e adolescentes. Nesse tempo temos aprendido a escutar esse grupo tão especial e temos crescido a cada dia com isso. Acompanhar de perto esse grupo e tentar sentir quais são os seus principais interesses e anseios motivou-nos a investirmos em uma pesquisa que pudesse de alguma forma ajudá-los em sua caminhada; e percebemos que a Bíblia tem um papel importantíssimo para que a caminhada deles seja exitosa, em todos os níveis.

A partir dessas *paixões* é que essa pesquisa nasceu. Ela tem a pretensão de ser não apenas uma pesquisa sobre jovens, mas, sobretudo, um texto escrito para jovens. O interesse pela juventude tem sido objeto da atenção de pesquisadores no Brasil, na América Latina e em vários países do mundo. Não é à toa que a primeira visita do Papa Francisco ao Brasil será para a 38ª Jornada Mundial da Juventude em Julho de 2013. Isso tem demonstrado o interesse por esse grupo social, além de demonstrar o protagonismo dele em distintos movimentos sociais.

Essa pesquisa está dividida em três capítulos: no primeiro dedicamos uma atenção especial às principais reflexões sobre a juventude no Brasil. Para isso, subsidiamos nosso trabalho com as mais importantes e atuais pesquisas sobre Juventude no Brasil; e, com importantes teóricos que já pesquisaram sobre o tema. Das pesquisas nós extraímos os dados que, segundo a nossa observação, coincidem com os fatores que observamos em nosso trabalho com jovens cristãos universitários. Identificamos que os principais motivos de preocupação da juventude brasileira correspondem às expectativas da juventude cristã Universitária.

Por isso, no primeiro capítulo, apresentamos uma possibilidade de conceituar o que é juventude, a partir dos aspectos *etário*, *sociológico* e *psicológico*. Em seguida apresentamos o que consideramos serem os principais temas de que se ocupa a juventude cristã: o ingresso na *Universidade*, o *Trabalho*, o *Consumo*, a *Religiosidade* e a *Busca de Segurança* nesses tempos de insegurança.

Tendo em vista que defendemos que a leitura do texto bíblico, se feita de maneira correta, pode ajudar o jovem cristão universitário a superar os problemas agudos da existência, apresentamos, no *segundo capítulo*, alguns métodos de leitura da Bíblia utilizados pela Igreja durante a sua História, visando, com isso, a provocar uma aproximação, estudo e uso dos mesmos pelos nossos jovens na sua prática de leitura, tendo em vista que há um desconhecimento – para a maioria deles – sobre essas ferramentas fora do ambiente das academias de Teologia. Além disso, propomos que a leitura do texto bíblico pode atuar como formadora de uma consciência crítica da realidade; pode ajudar na estruturação das relações existenciais; e potencializa o jovem a *Ser*. Em seguida, apresentamos que nos escritos paulinos é possível encontrarmos temas que correspondam aos nossos dilemas contemporâneos. Apresentamos importantes pensadores e filósofos cristãos e não-cristãos, que se debruçaram sobre os escritos paulinos, entendendo que eles são uma fonte de rica beleza e profundidade reflexiva.

Sendo assim, no terceiro capítulo fizemos uma análise do texto da 1ª Carta aos Tessalonicenses, capítulo 5, dos versículos 1 a 11, pretendendo, com isso, além de aplicar alguns princípios hermenêuticos de alguns métodos apresentados, estabelecer a partir dos principais temas desse texto uma aproximação e um diálogo com os principais temas esboçados no primeiro capítulo. A leitura fenomenológica dessa carta, feita pelo filósofo alemão Martin Heidegger, e que pode ser encontrada em seu livro *Fenomenologia da Vida*

*Religiosa*¹, influenciou a nossa leitura dessa passagem, demonstrando assim que o pensamento do apóstolo Paulo pode despertar diálogos em várias esferas e não apenas no âmbito religioso.

Essa pesquisa, além de corresponder aos nossos anseios individuais, pretende potencializar os jovens cristãos universitários a vivenciarem uma experiência religiosa mais crítica, a serem munidos de ferramentas para dialogarem à luz da Bíblia com temas contemporâneos, desfazendo assim a ideia de que a Bíblia é um livro anacrônico. Nossa hipótese é de que o estudo da Bíblia os ajuda-os a entenderem de maneira mais acurada a realidade na qual estão vivendo e, fazendo isso, poderem ajudar outros jovens a viverem a mesma experiência. Pretende-se também prepará-los para dialogarem em espaços de diversidade e de reflexão mais racionalista; sem com isso perderem os valores da fé cristã.

¹ HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da vida religiosa*. Tradução de Enio Paulo Giachini; Jairo Ferrandin; Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2010.

1 BREVE PANORAMA DA JUVENTUDE CRISTÃ UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA

1.1. O conceito de Juventude

A juventude brasileira é fruto da sociedade brasileira e, em tempos de globalização e rápidas mudanças tecnológicas, deve ter condições, oportunidades e responsabilidades específicas na construção de um país justo e próspero.
(Conselho Nacional da Juventude)

A tarefa de conceituar juventude, sobretudo no século XXI, não é tão fácil. Durante algum tempo, a psicologia do desenvolvimento² nos ajudou muito a entender e pensar em um conceito. Hoje, essa e outras análises não são suficientes, considerando a velocidade com que tem havido mudanças em nosso tempo.³ Encontrar respostas não é tão simples assim. Por outro lado, há os riscos nos quais toda definição ou conceituação incorre. Como afirmou Erasmo de Rotterdam que “definir é encerrar a ideia de uma coisa nos seus justos limites.”⁴ Não podemos pensar em um conceito fechado, tendo em vista que estamos falando das complexidades do humano, mas tentaremos, a partir do diálogo com pensadores que refletem sobre juventude, buscar um consenso mínimo possível que nos possa orientar em nosso caminho.

Apesar da ênfase do nosso trabalho ser a Juventude Cristã Universitária Brasileira, não podemos pensar nela fora da reflexão sobre a Juventude Brasileira, tendo em vista que os jovens cristãos universitários estão inseridos na sociedade brasileira. Então, a nossa reflexão inicial dar-se-á numa dimensão mais genérica; e, em outro momento nós nos ateremos à especificidade da nossa proposta.

Do ponto de vista da questão *etária*, João Batista Libânio, teólogo católico, afirma que “já o fato de delimitar a faixa juvenil traz problemas. Há certo consenso em defini-la entre 15 e 24 anos, sabendo, porém, que existem situações que forcem a entrada precoce ou prolongam a saída”.⁵ Maria Virgínia Freitas concorda com essa proposta quando afirmou que “a ONU

² A “psicologia do desenvolvimento” se ocupa do estudo científico das mudanças psicológicas sistemáticas de comportamento relacionadas com a idade durante o curso da vida.

³ Valburga Streck, afirma que “não é possível determinar as fases pelas quais a pessoa passa de uma maneira tão nítida e exata como era entendido nas décadas dos anos 1950 e 1960. Ver em: STRECK, Valburga Schmiedt. *Juventude, identidade e comunidades virtuais*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, Escola Superior de Teologia, v. 50, n. 2, (jul. 2010). p.352.

⁴ ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio da Loucura*. São Paulo: Martin Claret, 2002. p.17.

⁵ LIBÂNIO, J. B. *Para onde vai a juventude? - reflexões pastorais*. São Paulo: Paulus, 2011. p.6.

(Organização das Nações Unidas), por exemplo, considera jovens as pessoas de 15 a 24 anos de idade”, mas entende, por outro lado, que, “[...] no Brasil, tanto as diretrizes da Secretaria Nacional como o Projeto de Lei 4530/2004, que institui o Plano Nacional de Juventude, definem como jovens aqueles que têm entre 15 e 29 anos”.⁶

Mas o que é juventude? Para Freitas, “a palavra juventude remete à ideia de uma fase da vida, situada entre a infância e a vida adulta, entre a dependência – caracterizada pela primeira – e a autonomia – caracterizada pela segunda”.⁷ Juventude é esse momento de transição, cheio de riscos, mas rico de possibilidades. Juventude é um momento da vida em que um indivíduo está no ápice do vigor físico; entretanto, necessitando ainda de maturidade para lidar com alguns desafios. Apesar de que até nesse aspecto – da maturidade – alguns indivíduos, pelas contingências da existência, são levados a adquirirem-na mais cedo.

Nesse tempo de transição o jovem⁸ passa por transformações em vários níveis e em uma velocidade com a qual muitas vezes ele não consegue lidar. Nessa fase surgem vários desafios; e, se o jovem não for bem orientado, pode redundar em gravíssimos problemas. Libânio afirma que “a juventude é esse tempo entre a infância e a idade adulta, com uma série de problemas próprios, que necessitam ser resolvidos. Idade decisiva na formação da personalidade humana e cristã do jovem”.⁹

Outra abordagem a que estudiosos têm dedicado atenção diz respeito aos *aspectos sociológicos*. É necessário pensar em juventude como esse grupo social expressivo nas sociedades, e mormente na sociedade brasileira. É o que podemos ver nessa observação de Livia Barbosa. Ela diz que:

Do ponto de vista sociológico, os jovens são representados como agentes de mudança, de rebeldia social ou de liminaridade entre a infância e a vida adulta. Do ponto de vista político, são descritos como engajados, alienados ou alternativos. Do ponto de vista dos mercados, são a geração baby boomers, baby buster, ou geração X, Y, Z; e a convivência deles com outras faixas etárias é definida como ‘conflito de gerações’.¹⁰

⁶ FREITAS, Maria Virgínia de. *Juventude: mapeando a situação*. In: BEOZZO, José Oscar (org.). Curso de Verão: Ano XXI: juventude: caminhos para outro mundo possível. São Paulo: Paulus, 2007. p.20.

⁷ FREITAS, 2007, p.20.

⁸ Nesse trabalho adotaremos o termo “jovem” referindo-se ao sexo masculino e feminino.

⁹ LIBÂNIO, J.B. *O mundo dos jovens: Reflexões teológico-pastorais sobre os movimentos de juventude da igreja*. São Paulo: Loyola, 1978. p.24.

¹⁰ BARBOSA, Livia. (org.). *Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

Libânio, que tem larga experiência na pastoral da juventude, além de uma produção literária riquíssima nessa área, e que tem sido, tendo em vista as suas pesquisas, um importante referencial teórico para o nosso trabalho, além de analisar os aspectos etários, psicológicos e sociológicos que ele analisa, faz uma leitura teológico-pastoral, que muito nos interessa. Ele afirma que “a juventude vem sendo uma construção social e por isso assume concepções diferentes, conforme os momentos históricos”.¹¹ A relevância social desse grupo não pode ser negligenciada, e está havendo uma mobilização nacional nesse sentido. Se pensarmos em uma capital como Salvador – onde residimos – por exemplo, com aproximadamente 2.480.790 habitantes, desses, 753.900 (entre 15-29 anos) são jovens. Se aumentarmos a faixa etária e pensarmos de 15 a 34 anos, o número de habitantes sobe para 1.017.105.¹², o que caracteriza a expressividade numérica dessa população jovem na cidade.

Regina Novaes, grande especialista no Brasil quando o assunto é juventude, analisou, na ocasião da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude¹³, que “entre as diversas possibilidades de interpretação teórica a respeito da juventude, há uma possibilidade mais recente que descarta parcialmente os marcos etários, dando centralidade à categoria sociológica e auto-identitária do jovem.”¹⁴

Sendo assim, o papel da juventude na sociedade brasileira não pode ser minimizado ao de meros coadjuvantes no processo social. A juventude tem um papel importante nas transformações sociais, e isso pode ser visto em etapas específicas da História do Brasil. Por exemplo, em um estudo sobre o lugar dos jovens na história brasileira, seus autores observaram que “é com base nas referências históricas regionais que os jovens puderam ser identificados como protagonistas de distintos movimentos, que permitiram que fossem reconhecidos como grupos singulares, no interior da sociedade brasileira”.¹⁵ O Movimento da Semana de Arte Moderna, o Movimento Tenentista, o Movimento político partidário, dentre outros, tão importantes como os elencados aqui.¹⁶ Sendo assim, conforme entende Libânio, “a

¹¹ LIBÂNIO, J.B. *Jovens em tempo de pós-modernidade* – considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Loyola, 2004. p.36.

¹² CENSO 2010. IBGE. Disponível em < WWW.censo2010.ibge.gov.br/apps/mapa/ > Acesso em: 04 fev. 2013.

¹³ Realizada em Brasília, no mês de Abril de 2008.

¹⁴ CASTRO, Mary Garcia. *Quebrando mitos: juventude, participação e políticas*. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de políticas Públicas de Juventude. Brasília: RITLA, 2009. p.31.

¹⁵ CACIA-BAVA, Augusto; COSTA; Dora Isabel Paiva da. *O lugar dos jovens na história brasileira*. p.64. In: CACIA-BAVA, Augusto; PÂMPOLS, Carles Feixa; CANGAS, Yanko Gonzáles.(orgs). *Jovens na América Latina*. Tradução Augusto Cacia-Bava. São Paulo: Escrituras, 2004. 327.p.

¹⁶ CACIA-BAVA; PÂMPOLS, 2004, p.64.

juventude não é simples passagem ou fase do desenvolvimento da personalidade. Os jovens constituem um grupo específico de indivíduos que causam impacto sobre a sociedade.”¹⁷

Estudos sociológicos recentes apontam que, no Brasil, o processo de transição entre juventude e adultidade se completa em cinco etapas: terminar os estudos; sustentar-se com o próprio trabalho; abandonar a família de origem, casar-se e estabelecer uma nova unidade doméstica.¹⁸ É importante salientar que, em alguns casos, essas etapas não são seguidas de maneira tão precisa e linear como exposta nesses tópicos, o que a autora da pesquisa faz questão de ressaltar. É isso que caracteriza, na visão de alguns, essa fase da vida, do ponto de vista sociológico.

O aspecto *psicológico* também é muito importante para se pensar um conceito de juventude. Esse aspecto pode ser analisado, dentre outros, a partir do princípio epigenético que é central na teoria do psiquiatra e psicólogo alemão radicado nos Estados Unidos, Erik Erikson. Ele aponta a existência de uma diferença entre o adolescente e o jovem adulto. Se a adolescência é a fase que compreende a puberdade, a idade adulta jovem compreende a fase em que a pessoa está pronta para as relações sociais e as relações de intimidade.¹⁹, porém a análise detalhada desse princípio, apesar de sua importância, não será explorada nesse trabalho. Queremos destacar apenas o que foi dito por Roberto Daunis, quando afirma que esse princípio é formulado a partir da concepção de que a vida do indivíduo é composta de estágios sequenciais e que cada fase tem um tempo determinado; depois, com a reunião dessas etapas, é possível formar um todo integral de todas as partes. A interrupção ou o mau desenvolvimento de uma dessas etapas pode ser prejudicial para o desenvolvimento “certo no tempo certo.”²⁰ Tomando por base essas brevíssimas informações, podemos entender que, de acordo com esse princípio, a juventude é uma etapa psicológica que só pode ser atingida se as anteriores foram bem vivenciadas e ajustadas. Apesar disso, entendemos que, ainda assim, o jovem cristão pode transcender essa realidade, a partir de uma experiência transformadora. É o que veremos no decorrer desse trabalho.

Como foi afirmado no início, julgamos ser difícil colocar limites conceituais naquilo que extrapola sempre. Apesar dos aspectos *etários*, *sociais* e *psicológicos* serem importantes,

¹⁷ LIBÂNIO, 1978, p.24.

¹⁸ FREITAS, 2007, p.21.

¹⁹ MENEGUCE, Anderson Pimentel. *Juventude e religiosidade: como os jovens se relacionam com o transcendente, a moral e a educação*. São Leopoldo, 2009. p.12

²⁰ DAUNIS, Roberto. *Jovens: desenvolvimento e identidade – troca de perspectiva na psicologia da educação* – São Leopoldo: Sinodal, 2000.

eles sozinhos não dão conta para formular um conceito de juventude, pois, conforme entende Jorge Cláudio Ribeiro, “em nossa modernidade avançada a juventude não está mais circunscrita a uma compreensão dicionária, biológica ou etária, mas é percebida como cruzamento de múltiplas determinações: culturais, econômicas e biográficas.”²¹ Conscientes dessa mixórdia e desse dinamismo é que trabalharemos o tema da juventude ou, como alguns preferem dizer, “juventudes”. É o caso de João Batista Libânio, quando afirma que, “ao falar de juventude no singular, arriscamos perder-nos em afirmações vagas”²²; assim como Hilário Dick, que entende que um dos desafios para estudar o tema da juventude é “ter claro se existe ‘juventude’ ou ‘juventudes’”.²³ Acreditamos que os elementos teóricos citados até aqui servirão de base para a análise que faremos nos itens seguintes. O que fica claro para nós é, portanto, que Juventude não é somente idade cronológica; é, também, e antes de tudo, uma atitude frente à vida.²⁴ Na nossa pesquisa optamos por fazer uso do termo “juventude”, no singular, o que não significa uma negação da opção terminológica por “juventudes” feita por autores já citados até aqui.

1.2. Juventude e Universidade

Cada vez mais cedo o jovem tem ingressado nas universidades do nosso país, sejam públicas ou privadas - onde tem havido o ingresso de pessoas de poder aquisitivo mais baixo - , tendo em vista o aumento de algumas políticas públicas na área da educação. A verdade é que o número de jovens nessas instituições é cada vez maior.

Observando a realidade de jovens que temos a oportunidade de acompanhar mais de perto²⁵, esse fenômeno é interessante. É comum encontrarmos adolescentes discutindo sobre a área que pretendem cursar em uma universidade e inclusive sabendo qual o percentual de concorrência em cada uma delas. Isso acontece em estabelecimentos de ensino distintos. Podemos notar que esse é um assunto que interessa a esse grupo, além de ser, para alguns, motivo de grande preocupação. Alguns têm olhado para o curso universitário como sendo o

²¹ RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários*. São Paulo: Loyola; Olho d'Água, 2009.p.109.

²² LIBÂNIO, 2012, p.5.

²³ DICK, Hilário. *Gritos silenciados, mas evidentes*. Jovens construindo juventude na história. São Paulo, Loyola, 2003. p.14.

²⁴ CASAGRANDE, Moacir; BORDIGNON, Livino *Pistas para uma pastoral da juventude*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes,1982. p.7.

²⁵ O autor desse trabalho é pastor batista e atua diretamente com o trabalho pastoral da juventude, na Igreja Batista Sião – filiada à Convenção Batista Brasileira -, no centro da cidade de Salvador-BA. Exercendo essa função há quase seis anos.

alvo mais importante de suas vidas. E não passar no vestibular é motivo de frustração para eles, contudo, o ingresso na universidade tem-se mostrado um desafio, sobretudo para o jovem cristão. Falaremos mais detalhadamente sobre isso mais adiante.

Conforme observou Freitas, “na virada do século XX para o XXI, houve um aumento significativo das vagas disponíveis no sistema escolar, o que aumentou também significativamente o número de jovens estudantes”.²⁶ Em pesquisa realizada pelo IBGE²⁷ e pelo PNAD²⁸, entre 1995 e 2001, o maior aumento de estudantes se deu no Ensino Superior, e também no ensino médio, espaços esses freqüentados sobretudo por jovens. Segundo informações no site do IBGE, entre 1998-2008, dobrou a proporção dos jovens cursando o ensino superior: de 6,9% para 13,9%.²⁹ Outros dados atestam que a proporção de jovens estudantes (18 a 24 anos) que cursavam o nível superior cresceu de 27,0% para 51,3%, entre 2001-2011, sendo que, entre os estudantes pretos ou pardos nessa faixa etária, a proporção cresceu de 10,2% para 35,8%.³⁰ A meta do governo brasileiro, incluída no Plano Nacional de Educação (PNE), é atingir 10 milhões de matrículas no Ensino superior até 2020.³¹ Provavelmente esse aumento é devido a programas do governo como: Fies³², ProUni³³ e Enem³⁴.

²⁶ FREITAS, 2007, p.31.

²⁷ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

²⁸ A PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de domicílio) é a mais abrangente fonte de informações anuais sobre a realidade socioeconômica do país.

²⁹ IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1476> Acesso em: 05 fev. 2013.

³⁰ IBGE. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2268>>. Acesso em: 15 maio 2013.

³¹ Disponível em: <http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas_tecnicas_pne_2011_2020.pdf>. Acesso em: 15 mai.2013

³² O Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) é um programa do Ministério da Educação destinado a financiar a graduação na educação superior de estudantes matriculados em instituições não gratuitas. Podem recorrer ao financiamento os estudantes matriculados em cursos superiores que tenham avaliação positiva nos processos conduzidos pelo Ministério da Educação. Ver em: <<http://sisfiesportal.mec.gov.br/fies.html>>

³³ O Programa Universidade para Todos - Prouni tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. Criado pelo Governo Federal em 2004 e institucionalizado pela Lei nº 11.096, em 13 de janeiro de 2005, oferece, em contrapartida, isenção de alguns tributos àquelas instituições de ensino que aderem ao Programa. Ver em:

<http://prouniportal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=124&Itemid=140>

³⁴ Criado em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Podem participar do exame alunos que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio em anos anteriores. O Enem é utilizado como critério de seleção para os estudantes que pretendem concorrer a uma bolsa no Programa Universidade para Todos (ProUni). Ver em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=183&Itemid=310>

Para a juventude, a universidade mostra-se como um espaço de realização de sonhos. Ali há a oportunidade fecunda para ampliação de conhecimento, aprofundamento das relações humanas, desenvolvimento de habilidades de convivência – o que já foi ensaiado em estágios anteriores da formação escolar -, esperança para as perspectivas profissionais e esperança da independência financeira em um futuro breve. Com perdão do trocadilho, na universidade, um universo de possibilidades é apresentado aos jovens.

Com certeza, o espaço da universidade tem sido um espaço de formação de grandes líderes, tendo em vista que é possível nela, a partir das ciências estudadas ali, viabilizar uma consciência mais objetiva no jovem e uma reflexão mais crítica da sociedade brasileira, sensibilizando-os para aspectos que anteriormente estavam alheios, e potencializando-os a interferirem e moldarem a realidade. As habilidades desses jovens são exercitadas e esse aparato reflexivo acompanha-os por toda a vida, na maioria dos casos.³⁵

1.2.1 Juventude, Universidade e crise de fé

Por outro lado, para o jovem cristão, a universidade tem sido um local onde, muitas vezes, enfrentam-se as mais agudas crises. De certa forma, a observação desse fenômeno é uma das motivações para nos envolvermos nessa pesquisa. Do ponto de vista da fé, muitos jovens cristãos têm sofrido uma mudança brusca de comportamento após o ingresso na universidade. Muitos são afetados diretamente com os novos conceitos, teorias, cosmovisão, confronto com a sua realidade vivencial religiosa. A descoberta de novas teorias e a maneira como elas são abordadas, com a habilidade própria do espaço acadêmico, têm contribuído para algumas crises de fé profundas e, em alguns casos, levam ao abandono da convivência eclesial.

Em seu livro sobre *O mundo dos jovens*, Libânio refletiu sobre isso, afirmando que:

Outro campo de perguntas para os jovens, sobretudo universitários, advém-lhe dos estudos. Trazendo, em geral, de casa ou de uma iniciação catequética paroquial ou escolar uma cultura religiosa bem reduzida e comumente desatualizada, encontram-se, profundamente, confrontados com os dados da ciência, da história. Não raras vezes, professores brilhantes e inteligentes desfazem com seus argumentos científicos axiomas religiosos ou morais, tidos por eles como fundamentos de sua religião e fé.³⁶

³⁵ CASTRO, 2009, p.31.

³⁶ LIBÂNIO, 1978, p.123.

Apesar da distância cronológica dessa afirmação e do ponto de vista a partir do ambiente católico, concordamos com ela e entendemos que ela permanece atual e que essa experiência não é diferente no ambiente evangélico.³⁷ Temos observado no ambiente evangélico a maneira como muitas vezes o estudo da Bíblia, superficializado em nossas escolas bíblicas, não tem contribuído para formar um jovem consciente de suas convicções de fé. Não queremos falar aqui de uma formação apologética, instrumentalizada apenas para debates, mas de uma formação consistente que capacite para a vida. A maneira sem profundidade como alguns assuntos são abordados em grupos de estudos para jovens, assim como, em alguns casos, nas homilias proferidas dominicalmente, não tem gerado indivíduos convictos de sua fé, independente dos embates sejam eles teóricos ou existenciais.

Muito dessa defasagem se dá pelo fato de que em alguns ambientes o tipo de leitura da Bíblia é feito de maneira fundamentalista e literalista. Uma das ferramentas da reflexão crítica é a dialética. A leitura fundamentalista da Bíblia, que pode ser encontrada tanto em ambientes católicos ou protestantes – incluímos evangélicos aqui -, não permite o questionamento. Para alguns não existe o diálogo. “Se a Bíblia falou, está falado!” - é o que dizem.

O jovem precisa ser capacitado para questionar. E isso acontece na academia. Muitas vezes o ambiente religioso inibe o questionamento, as provocações. Opta mais pela via da imposição; o que dificulta a relação com o jovem. É verdade que na universidade também existem aqueles professores que tentam, a qualquer custo, impor os seus pressupostos sem abertura para o diálogo. Na nossa visão, o que eles fazem diferente da maioria das comunidades de fé evangélica é argumentar com mais profundidade sobre seus temas estudados; o que nem sempre acontece nos espaços da fé evangélica que os jovens frequentam.

A ausência de uma reflexão mais profunda na maioria das comunidades evangélicas contribui para a infantilização da juventude. Em seu livro *Crer é também pensar*, John Stott conta o caso de um ex-ministro americano que dizia que um membro de sua igreja afirmava que, quando ia à igreja, sentia como se tivesse desenroscado a cabeça e a colocado no assento,

³⁷ Nosso universo de referência é o jovem universitário evangélico, tendo em vista a nossa atuação pastoral nesse segmento. Porém, entendemos que a nossa pesquisa pode ser útil para jovens cristãos em geral (católicos, protestantes e evangélicos).

pois achava que numa reunião religiosa não tinha necessidade alguma de usar o que se acha acima do seu colarinho.³⁸ Stott chama de anti-intelectualismo essa postura encontrada em algumas comunidades cristãs.³⁹ Para ele, nós fomos criados para pensar.⁴⁰

Apesar disso, a juventude tem colocado suas expectativas na formação em um curso de nível superior. O curso universitário funciona, em alguns casos, como o instrumento que vai catapultar o jovem para o mundo do trabalho. Existe para os jovens a esperança de que uma boa formação acadêmica redundará em sucesso profissional. Colocando um pouco de fora questões relacionadas com as crises de fé, sobretudo para o jovem cristão, o anseio da maioria é ter o seu curso superior, com vistas a ingressar de maneira mais competitiva, e com maior possibilidade de êxito, no mundo do trabalho.

Acreditamos que é possível instrumentalizar os nossos jovens para uma leitura mais crítica da Bíblia, dialogando com temas atuais, sem comprometer com isso o seu desenvolvimento na fé. Caso isso seja feito desde cedo nas comunidades de fé, o choque entre a *cultura-eclesiástica* – a experiência religiosa - e a *cultura-universitária* – a experiência acadêmica - não será tão drástico assim, preparando o jovem cristão para esse estágio de sua existência e para outros que virão em seguida. Este será o objetivo do nosso terceiro capítulo.

1.3. Juventude e o Trabalho: em busca de sentido para o “existir”

A juventude brasileira empenha-se nos estudos universitários, objetivando, em um futuro próximo, ingressar no mundo do trabalho. Há o desejo de que haja uma recompensa por todo esforço dispensando no período de estudos na universidade; todavia, no Brasil de hoje, o tema do trabalho é, sem dúvida, o que mais apresenta desafios no que diz respeito à juventude.⁴¹

Em 2005, o governo federal lançou bases para a construção de uma Política Nacional de Juventude, criando, junto à Presidência da República, a Secretaria Nacional de Juventude,

³⁸ STOTT, JOHN R. W. *Crer é também pensar*. A importância da mente na vida cristã. Tradução Milton A. Andrade. São Paulo: ABU, 2001. p.29.

³⁹ STOTT, 2001, p. 7.

⁴⁰ STOTT, 2001, p.13.

⁴¹ FREITAS, 2007, p.31.

o Conselho Nacional de Juventude⁴² e o Programa Nacional de Inclusão de jovens (Projovem)⁴³. Apesar do louvável interesse e da mobilização em torno desse importante grupo social, no que diz respeito a postos de emprego, ainda não há uma oferta satisfatória. Há uma escassez de oportunidades para o jovem. No Brasil, o desemprego atinge 3,5 milhões de jovens com idades entre 16 e 24 anos, cerca de 45% da força de trabalho nacional.⁴⁴ Isso é extremamente prejudicial para o desenvolvimento de qualquer nação.

Esse dado alarmante tem contribuído, sem dúvidas, para uma série de graves problemas sociais. A ausência de postos de trabalho ocorre entre os que têm formação acadêmica e, em índice maior ainda, entre aqueles que não têm formação de nível superior. Os jovens estão, com frequência, presentes nas manchetes de jornais como os que mais morrem, sobretudo os da raça negra.⁴⁵ Podemos imaginar que a ociosidade e a desesperança têm levado os nossos jovens a se enveredarem por caminhos que só prejudicam suas vidas. O dinheiro “fácil” advindo do tráfico de drogas tem sido paradoxalmente para alguns a tábua de salvação.

Em importante pesquisa sobre o “Perfil da Juventude Brasileira”⁴⁶, “o emprego apareceu como o segundo tema que mais interessa aos jovens (37%), mas praticamente empatado com o primeiro lugar (a educação, com 38%)”⁴⁷. Esses dados atestam que a ausência de oportunidades de trabalho tem-se mostrado um motivo de grande preocupação para os nossos jovens. Muitos estão no ambiente acadêmico sem convicção de que, ao saírem, encontrarão emprego na área de suas especialidades. Para resolver esse problema, muitos com boa formação tem-se submetido a condições salariais aquém da potencialidade de sua

⁴² O CONJUVE é um órgão vinculado à Secretaria-Geral da Presidência da República, é composto por 60 membros, sendo 40 eleitos pela sociedade civil e 20 representantes do poder público, que renovam a cada dois anos, e têm o mandato de analisar e propor Políticas Públicas de Juventude.

⁴³ CASTRO, 2009, p.12.

⁴⁴ FREITAS, 2007, p.19.

⁴⁵ Em 2010, morreram no Brasil 49.932 pessoas vítimas de homicídio, ou seja, 26,2 a cada 100 mil habitantes. 70,6% das vítimas eram negras. Em 2010, 26.854 jovens entre 15 e 29 foram vítimas de homicídio, ou seja, 53,5% do total; 74,6% dos jovens assassinados eram negros e 91,3% das vítimas de homicídio eram do sexo masculino. Já as vítimas jovens (ente 15 e 29 anos) correspondem a 53% do total e a diferença entre jovens brancos e negros salta de 4.807 para 12.190 homicídios, entre 2000 e 2009. Os dados foram recolhidos do DataSUS/Ministério da Saúde e do Mapa da Violência 2011. Disponível em: <<http://mapadaviolencia.org.br/pdf2011/MapaViolencia2011.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2013. Ver também: Disponível em: <<http://www.emdialogo.uff.br/node/3603>> Acesso em: 10 mai. 2013.

⁴⁶ A pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, pesquisa realizada em 2003 pelo Projeto Juventude/Instituto Cidadania, junto à população de 15 a 24 anos residente no território brasileiro. O livro “Retratos da Juventude Brasileira” reuniu os dados coletados, com a análise de vários autores. Ver em: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto da Cidadania, 2005.

⁴⁷ FREITAS, 2007, p.40.

formação. Quando encontram, conforme afirmaram as autoras do trabalho “Inserção laboral juvenil”, a inserção dos jovens no trabalho tem ocorrido de forma cada vez mais precária em um contexto laboral marcado pela informalidade e pelo desemprego.⁴⁸

Além do que foi exposto, podemos constatar que no Brasil há jovens adolescentes de 17 anos, alfabetizados, mas sem formação profissional relevante, que precisam, às vezes, assumir o papel de mantenedores de família. Na prática, isso significa serem mantenedores das estruturas da miséria. As condições básicas para formar recursos humanos faltam justamente para os jovens⁴⁹. Jorge Cláudio Ribeiro afirma que “a juventude é a parcela mais atingida pela má distribuição de renda, pois 40% dos jovens brasileiros vivem em famílias sem rendimentos ou com até meio salário mínimo *per capita*”.⁵⁰ Tendo em vista essa grave realidade social brasileira, muitos jovens são inseridos de maneira precoce na vida adulta e a necessidade de trabalhar, muitas vezes sob condições irregulares, põe em risco sua segurança.

Ribeiro entende que “o trabalho tem uma face positiva na vida dos jovens. É um marco de referência para a construção de sua identidade pessoal e social, de seu *status* socioeconômico. Insere-o na sua classe social, oferece-lhes possibilidades concretas de existência e desenvolvimento”.⁵¹ Além de não oferecer condições de prover suas necessidades básicas, a ausência de trabalho inibe a emancipação dos jovens, tendo em vista que o trabalho lhes dá uma sensação de sair da condição de exclusão.

1.4. Juventude e o Consumo: “Você tem sede de quê?”

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman⁵² tem sido um excelente analista da sociedade contemporânea. É justamente a partir do diálogo com sua leitura sobre a *cultura consumista* e a *sociedade de consumidores*, encontrada em sua obra *Vida para o consumo*⁵³, que vamos pensar sobre a juventude e o consumo. Entendemos que a sua perspectiva é extremamente relevante para a nossa reflexão sobre esse aspecto.

⁴⁸ THOMÉ, Luciana Dutra; TELMO, Alice Queiroz; KOLLER, Sílvia Helena, (orgs.). *Inserção laboral juvenil: Contexto e opinião sobre definições de trabalho*. In: *Adolescência e juventude: Vulnerabilidade e contextos de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p.20.

⁴⁹ DAUNIS, 2000, p.88.

⁵⁰ RIBEIRO, 2009, p.121.

⁵¹ RIBEIRO, 2009, p.229.

⁵² Nascido em 19 de Novembro de 1925. Já publicou mais de trinta obras, entre as quais: *Amor líquido; Modernidade Líquida; Vida Líquida; Tempos Líquidos; Comunidade; Identidade*, dentre outras.

⁵³ BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Nós vivemos em uma sociedade consumista. Falamos sobre isso, identificamos os problemas que essa realidade nos impõe, só não sabemos como sair desse ciclo. Bauman identifica que “[...] o fenômeno do consumo tem raízes tão antigas quanto os seres vivos – e com toda certeza é parte permanente e integral de todas as formas de vida conhecidas a partir de narrativas históricas e relatos etnográficos”.⁵⁴ Se o consumo está presente desde as épocas mais remotas da sociedade e, de certa forma faz parte da realidade da sociedade, qual seria o problema então? Bauman traça uma diferença entre *consumo* e *consumismo*. Para ele, o consumo é uma característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos; enquanto o consumismo é um atributo da sociedade.⁵⁵

Pensando em consumismo como “um atributo da sociedade”, como poderíamos, então, ampliar a nossa visão sobre o que é o consumismo, e o que ele significa? Bauman considera que:

[...] o “consumismo” é um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, por assim dizer, “neutros quanto ao regime”, transformando-os na *principal força propulsora* e *operativa* da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica, a integração e a estratificação sociais, além da formação de indivíduos humanos, desempenhando ao mesmo tempo um papel importante nos processos de auto-identificação individual e de grupo, assim como na seleção e execução de política de vidas individuais.⁵⁶

Além de estar relacionado às vontades, desejos e anseios humanos, o *consumismo* funciona como um instrumento regulador, que está presente na sociedade para indicar aqueles que podem, e os que não podem consumir. Ou seja, o potencial que cada qual tem para consumir demonstra qual o seu poder aquisitivo e qual a sua posição na sociedade. No entanto, o problema que o consumismo causa na sociedade não é apenas o da estratificação.

No movimento de consumidores e de consumo surge um problema novo na sociedade. Bauman identificou que há um empenho, um esforço por parte das pessoas em aumentarem o valor das mercadorias que colocam à venda; e nesse frenesi, no qual há uma mistura de valores de significados, a mercadoria ou os produtos que elas promovem e vendem são elas

⁵⁴ BAUMAN, 2008, p.37.

⁵⁵ BAUMAN, 2008, p.41.

⁵⁶ BAUMAN, 2008, p.41.

mesmas.⁵⁷ É o mundo líquido-moderno dos consumidores⁵⁸. Ou seja, as pessoas não se dão conta de que, no final das contas, elas são a mercadoria a ser consumida; porque, “na sociedade de consumidores, a dualidade sujeito-objeto tende a ser incluída sob a dualidade consumidor-mercadoria”.⁵⁹

Cada vez mais em nossa sociedade a noção do que é *público* e do que é *privado* tende a ser mais diluída. Se em outras épocas as pessoas tinham uma maneira mais reservada de lidar com alguns aspectos que eram tidos como particulares da sua vida, hoje, há uma tendência cada vez maior para exposição, quer seja na internet, na televisão, revistas ou mídias em geral. Na sociedade moderna, conforme Bauman constatou, há o desejo no indivíduo de:

[...] se tornar uma mercadoria notável, notada e cobiçada, uma mercadoria comentada, que se destaca da massa de mercadorias, impossível de ser ignorada, ridicularizada ou rejeitada. Numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fada.⁶⁰

Isso está evidenciado nas redes sociais, na internet. As pessoas não querem ficar no anonimato; elas querem ser notadas. Para isso, expõem-se a qualquer tipo de situação, por mais vexatória que seja. O que elas querem é serem vistas, percebidas, notadas e comentadas. Para alguns, essa é a plena realização do ser, mas há um alto preço a ser pago por isso. Bauman afirmou que, na sociedade de consumidores, ninguém pode-se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável.⁶¹

O principal fomentador desse tipo de comportamento, desse tipo de mentalidade, é o mercado. As regras do mercado são: o destino final de toda mercadoria colocada à venda é ser consumida por compradores; os compradores desejam obter mercadorias para consumo se, e apenas se, consumi-las for algo que prometa satisfazer seus desejos; o preço que o potencial

⁵⁷ BAUMAN, 2008, p.13.

⁵⁸ BAUMAN, 2008, p.9.

⁵⁹ BAUMAN, 2008, p.30.

⁶⁰ BAUMAN, 2008, p.22.

⁶¹ BAUMAN, 2008, p.20.

consumidor em busca de satisfação está preparado para pagar pelas mercadorias em oferta dependerá da credibilidade dessa promessa e da intensidade desses desejos.⁶²

O que importa é a satisfação dos desejos. O mercado, através da sua estratégia de *marketing*, dentre outros fatores, trabalha para que o indivíduo ache que todos os seus desejos são necessidades essenciais. Com isso gerou-se uma sociedade de consumo. Tanto é que Bauman também discute essa realidade quando afirma que:

A sociedade de consumo tem como base de suas alegações a promessa de satisfazer os desejos humanos em um grau que nenhuma sociedade do passado pôde alcançar, ou mesmo sonhar, mas a promessa de satisfação só permanece sedutora enquanto o desejo continua insatisfeito; mais importante ainda, quando o cliente não está “plenamente satisfeito” – ou seja, enquanto não se acredita que os desejos que motivaram e colocaram em movimento a busca da satisfação e estimularam experimentos consumistas tenham sido verdadeira e totalmente realizados.⁶³

Nesse jogo, as pessoas são apenas marionetes. São conduzidas a acharem que estão realizando os seus desejos. Na verdade elas estão realizando os desejos da estrutura capitalista que se assenhoreou das vontades dos homens, visando com isso manter o *status quo* de um projeto desleal. Bauman entende que os consumidores são representados como o oposto de agentes soberanos: ludibriados por promessas fraudulentas, atraídos, seduzidos, impelidos e manobrados de outras maneiras por pressões flagrantes ou sub-reptícias, embora invariavelmente poderosas.⁶⁴

Nesse movimento frenético da cultura do consumismo, da sociedade de consumidores e da propaganda sem pudores do mercado capitalista, a juventude continuamente tem sido atraída a modelar suas práticas. A nossa juventude, assim como todos nós, habita esse mesmo espaço social conhecido como mercado. Esse modelo gera nos jovens um sentimento perpétuo de não-satisfação. Isso ocasiona um estado de infelicidade sem precedentes. Essa onda de consumidores e de consumismo não valoriza o que é durável. O velho, nesse modelo, é sinônimo de ultrapassado.

Assim, a nossa juventude se vê envolvida por um modo de vida consumista e caminha freneticamente para se apropriar de coisas, para, a todo custo, ter posse e acumular todo tipo de bens, que, em sua visão, podem trazer conforto; assim como podem contribuir para a sua

⁶² BAUMAN, 2008, p.18.

⁶³ BAUMAN, 2008, p.63.

⁶⁴ BAUMAN, 2008, p.20.

auto-afirmação na sociedade. Por isso estão sempre apressados! Conforme propõe Bauman, “[...] na vida ‘agorista’ dos cidadãos da era consumista o motivo da pressa é, em parte, o impulso de *adquirir e juntar*”.⁶⁵

A verdade é que nossa juventude está numa sociedade moderna e pós-moderna, secularizada, individualista, globalizada, consumista, de forte migração simbólica⁶⁶, e as suas práticas derivam desse ambiente no qual ela está imersa.

1.5. Juventude e Religiosidade

Em seu belíssimo texto sobre *Religião do consumo*, Frei Betto observa o movimento consumista da nossa sociedade, comparando-o a uma religião: a religião do consumo. Ele identifica elementos interessantes nesse fenômeno, queremos destacar o seguinte:

O pecado original dessa nova "religião" é que, ao contrário das tradicionais, ela não é altruísta, é egoísta; não favorece a solidariedade, e sim a competitividade; não faz da vida dom, mas posse. E o que é pior: acena com o paraíso na Terra e manda o consumidor para a eternidade completamente desprovido de todos os bens que acumulou deste lado da vida.⁶⁷

Mais à frente, ele afirma o seguinte: “Da religião do consumo não escapa nem o consumo da religião, apresentada como um remédio miraculoso, capaz de aliviar dores e angústias, garantir prosperidade e alegria. Enquanto isso, Ele tem fome e não lhe dão de comer (Mateus 25, 31-40).” Visão parecida com a do Frei Betto é da do Monge Anselm Grün, que afirmou o seguinte: “Hoje eu percebo o perigo de que a religião se torne objeto de consumo, exatamente como se consome uma boa comida ou um remédio”.⁶⁸

Mesmo com toda essa inclinação da sociedade moderna e de como ela tem cedido aos apelos do consumo, o que se observa é que a juventude brasileira ainda guarda em si, de maneira muito forte, uma dimensão religiosa. Os dados seguintes são importantes para a nossa análise:

⁶⁵ BAUMAN, 2008, p.50

⁶⁶ LIBÂNIO, 2009 apud RIBEIRO, 2009.

⁶⁷ BETTO, Frei. *Religião do consumo*. Disponível em:

<<http://www.ufrn.br/sites/engenhodesonhos/mediateca/artigos/Religiaodoconsumo.pdf>> Acesso em: 4 fev.2013.

⁶⁸ GRÜN, Anselm. *A proteção do Sagrado*. Tradução Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2005. p.15.

Pesquisa feita com 3.501 jovens de 25 estados do Brasil sobre os valores mais importantes para uma sociedade ideal, constatou o seguinte, do primeiro ao quinto lugar: 55% dos jovens optaram por solidariedade, 50% respeito às diferenças, 46% igualdade de oportunidade, 44% temor a Deus e 41% justiça social”.⁶⁹

O “temor a Deus” aparece nessa pesquisa com 44% como sendo um valor importante, demonstrando assim que a juventude brasileira é extremamente religiosa. Isso vai de encontro a alguns pensadores contemporâneos que falam do fim da religião e do religioso; como podemos ver nesse comentário de Luc Ferry, “não vejo como se possa falar do sagrado no mundo atual, a não ser por uma derivação metafórica mais enganosa que esclarecedora”.⁷⁰ Esse tipo de mentalidade tem circulado com certa frequência, mas não tem tido força suficiente para anular o anseio pelo sagrado no homem, e isso inclui os jovens. Outros dados confirmam o que temos constatado:

No Brasil, 96% dos jovens declaram possuir uma religião [...] e uma das constatações que merece ser sublinhada é o fato de que entre os 13 milhões de jovens (27,3%) que participam/participaram de organizações sociais, o percentual dos que participaram de grupos de cunho religioso é de 81,1%; cerca de 10 milhões, 22,1% do total da juventude brasileira. Esse dado expressa a capilaridade social e a disseminada presença da religião e do religioso na sociedade brasileira contemporânea.⁷¹

Pode ser que em alguns desses casos a busca pela dimensão religiosa se dê, não pela autêntica experiência com o sagrado, mas como sendo a tentativa de superar alguns problemas sociais, algumas lutas existenciais, como a única esperança de superar as agudas crises nas quais estão envolvidos. O lado positivo dessa relação é observarmos que a religião tem beneficiado até aspectos da saúde física, dado esse que tem sido inclusive objeto de investigações científicas. Conforme afirmou Susana Maria Rocca, segundo dados da Revista de Psiquiatria da USP de 2007: “no Brasil, o número de estudos sobre saúde mental e religião aumentou significativamente nos últimos 15 anos”.⁷² O comentário seguinte pode nos ajudar a esclarecer essa ideia: “O jovem pode buscar, no desenvolvimento da espiritualidade, novas

⁶⁹ CASTRO, 2009, p.37.

⁷⁰ FERRY, Luc; GUACHET, Marcel. *Depois da Religião: o que será do homem depois que a religião deixar de ditar a lei?*. Tradução Nícia Adan Bonatti. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008. p. 50.

⁷¹ FONSECA, Alexandre Brasil; NOVAES, Regina. *Juventudes Brasileiras, Religiões e Religiosidade: uma primeira aproximação*. In: ABROMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007. p.147

⁷² ROCCA, Susana María. *Resiliência, espiritualidade e juventude*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013. p.87.

formas de enfrentamento e encontrar nessa busca novos significados para a vida, relacionamentos de apoio e uma nova forma de ver a si mesmo”.⁷³

1.5.1 Juventude Evangélica no Brasil e os desafios de testemunhar da fé no ambiente acadêmico

Em se tratando de Juventude Evangélica no Brasil, a importante pesquisa “Perfil da Juventude brasileira” – já citada aqui -, recolheu os seguintes dados:

[...] os jovens evangélicos somaram 22% dos entrevistados (entre eles 48% de homens e 52% de mulheres). Enquanto os evangélicos históricos (5%) estão mais nas cidades de grande porte e nas capitais, os evangélicos pentecostais (15%) acham-se mais nas outras cidades das regiões metropolitanas do que nas capitais e cidades de médio porte, distribuindo-se por todas as idades contempladas pela pesquisa⁷⁴

Com o atual crescimento do número de evangélicos no Brasil é comum termos um crescimento na população jovem evangélica também. Esses jovens têm levado os valores da experiência evangélica para o ambiente universitário. No Brasil, alguns grupos de universitários evangélicos como a ABUB⁷⁵ ou o Ministério Estudantil Alfa e Ômega⁷⁶, dedicam-se no preparo de jovens para exercerem sua fé no espaço estudantil, tanto os ajudando em seu crescimento espiritual, como na divulgação da fé evangélica entre os seus colegas. Esses jovens evangélicos, vinculados a movimentos estudantis ou não, sofrem muitas vezes discriminações ao divulgarem sua fé. É o que constatou uma Pesquisa da UNESCO⁷⁷ de 2004:

⁷³ MARQUES, Luciana Fernandes; SANTOS, Elder Cerqueira; DELL’AGLIO,. *Religiosidade e identidade positiva na adolescência*. In: *Adolescência e juventude: Vulnerabilidade e contextos de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p.85.

⁷⁴ NOVAES, Regina. *Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz a diferença?* In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs). *Retratos da juventude brasileira – Análises de uma pesquisa nacional* -. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p.269.

⁷⁵ Aliança Bíblica Universitária do Brasil é uma organização missionária evangélica que existe para compartilhar o Evangelho de Jesus Cristo nas escolas e universidades brasileiras, através da iniciativa dos próprios estudantes. Ver em: <<http://www.abub.org.br/>>

⁷⁶ Trabalha para ajudar as pessoas em seu relacionamento com Deus a crescerem espiritualmente, desenvolverem liderança e relacionamentos interpessoais saudáveis. Ver em: <<http://alfaomega.org.br/site/>>

⁷⁷ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization). Ver em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/>>

Problemas de discriminação relacionados a religião parecem ser mais recorrentes entre os protestantes (evangélicos). Impressiona o fato de 9,5% dos que afirmaram, entre os protestantes, ter sofrido preconceito identificarem que a razão principal de discriminação na escola foi a sua religião⁷⁸.

É verdade que muitas vezes essa discriminação decorre da abordagem de alguns jovens que fazem parte de grupos evangélicos de linha mais fundamentalista, que promovem um tipo de pregação proselitista, na qual qualquer outro tipo de fé diferente da sua é vista como ausente do divino, mas concordamos que há também um tipo de preconceito que rotula todos os jovens evangélicos como alienados, o que não é verdade. Isso é fruto de uma sociedade que ainda enfrenta grandes limitações em lidar com o diferente.

A religiosidade tem sido um fator de ajustamento existencial para muitos dos nossos jovens; isso, se for vivenciada de uma forma saudável. Como afirmou Ribeiro, “a religiosidade é uma disposição necessária para nossos sujeitos elaborarem sentidos em sua existência, mergulhados que estão numa cultura que apresenta inegável tendência à secularização”.⁷⁹ Mesmo com suas posições incisivas em relação ao desaparecimento da religião e do religioso, os autores do livro *Depois da religião* entendem que:

O religioso, como aspiração ao absoluto, como busca de sentido numa interrogação sobre a morte, está muito longe de desaparecer na época contemporânea: ele permanece como uma hiância que mesmo os reducionismos mais radicais não conseguem preencher. Compreende-se dessa forma como, em nossos dias, o enfraquecimento das religiões, e a permanência do religioso podem se encontrar no mesmo patamar.⁸⁰

Diferente de outras épocas, o indivíduo se identificar como evangélico no Brasil tem sido, em alguns casos, motivo de status social. É comum encontrarmos artistas, jogadores de futebol, modelos, dentre outros, dizendo que são evangélicos. Isso aponta para outro aspecto, que não temos como aprofundar aqui, do que significa ser evangélico no Brasil, hoje. O movimento evangélico no Brasil tem passado por uma crise de identidade sem precedentes, e não é possível entender ainda mutações em grande escala que o movimento vem sofrendo.

⁷⁸ Pesquisa “Juventude, Juventudes: o que une e o que separa”. Brasília:Unesco, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=64654> Acesso em: 15 mai.2013.

⁷⁹ RIBEIRO, 2008, p.53.

⁸⁰ FERRY; GUACHET, 2008, p.8.

Mesmo com toda a secularização que atinge as sociedades no mundo, e que não é diferente aqui no Brasil, inclusive com o crescente número dos sem-religião, o jovem evangélico tem conseguido posicionar-se e resistir diante dos apelos da vida mundana e profana e a sua religiosidade tem sido necessária para ajudá-lo nesse processo de ajustamento social. Mesmo que alguns tenham-se deixado seduzir pelos apelos “mundanos”, concordamos com o filósofo, mitólogo e historiador romeno Mircea Eliade quando ele afirma que “[...] o homem profano, queira ou não, conserva ainda os vestígios do comportamento do homem religioso, mas esvaziado dos significados religiosos”.⁸¹

1.6. Juventude Cristã em busca de segurança em tempos de insegurança

O ano de 1985 foi o ano escolhido pela ONU para proclamar o Ano Internacional da Juventude. Dessa época em diante tem havido um crescente interesse por esse tema. No livro *Jovens em tempo real*, seus autores afirmam que, “[...] a partir da segunda metade da década de 1980, com a declaração do Ano Internacional da Criança e da Juventude, o sistema das Nações Unidas passou a produzir um discurso sobre a juventude”.⁸² Podemos ver também no texto *Revisando o questionário da juventude brasileira: uma nova proposta*, que:

A produção de conhecimento sobre a juventude brasileira tem crescido nos últimos anos. Em especial, a Psicologia do Desenvolvimento vem acumulando uma série de estudos que dão ênfase a essa etapa do ciclo vital, enfatizando questões que já são discutidas pela mídia e pelo senso comum.⁸³

No entanto, todo esse interesse, assim como as pesquisas, têm sido importantes para fazermos uma leitura da realidade concreta do perfil da juventude no Brasil, mas não têm sido suficientes para ajudar os jovens a enfrentarem os dilemas de sua existência. Regina Novaes afirmou que “as dificuldades sociais e econômicas enfrentadas pela maioria da população jovem brasileira incidem diretamente no aumento da sensação de insegurança no presente e das incertezas quanto à vida futura”.⁸⁴

⁸¹ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Tradução Rogério Fernandes. E-book. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.98

⁸² FRAGA, Paulo; LULIANELLI, Jorge Atílio Silva (orgs.). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.p. 10.

⁸³ DELL’AGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Silvia Helena, SANTOS, Edson Cerqueira; COLAÇO, Veriana de Fátima Rodrigues. *Revisando o questionário da juventude brasileira: uma nova proposta*. In: DELL’AGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Silvia Helena. *Adolescência e juventude: Vulnerabilidade e contextos de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p.259.

⁸⁴ CASTRO, 2009, p.35.

A juventude cristã está em busca de segurança. Tendo em vista a globalização, o único fator que permanece é a mudança. As mudanças sucessivas e velozes das sociedades mundiais têm exigido das pessoas que habitam esse tempo – século XXI - uma necessidade de flexibilidade e adaptação. O grande número de informações, processadas, sobretudo, na internet, exige a capacidade de selecionar e distinguir as que são importantes das que não são. Libânio afirmou que “na medida em que os jovens vão crescendo e enfrentando o pluralismo cultural e a relativização dos valores, suas convicções pouco firmes desfazem-se e tornam-se presas dos modismos”.⁸⁵

Os jovens são facilmente atraídos pelas novas tendências do nosso tempo. Tendo em vista o seu espírito desbravador, a sede pelo conhecimento, a necessidade de estarem *plugados* na última novidade, podem ser presas fáceis se não tiverem uma opção que os ajude a conscientizar-se e discernirem a contemporaneidade. Além disso, a fluidez dessas tendências gera o sentimento de insegurança; eles não sabem onde se apoiar. Tudo muda muito rápido! Muitas vezes, eles recorrem aos meios mais perigosos, pensando que esses poderão mantê-los em segurança.

Há uma crise de violência na sociedade brasileira que tem atingido de maneira impiedosa os nossos jovens. Os jovens são os que mais matam e os que mais morrem.⁸⁶ Além da segurança pública frágil, encontramos muitos jovens atingidos pela insegurança emocional e o medo do futuro. Qual seria o caminho possível para ajudar a Juventude Cristã Universitária, tendo em vista que ela está envolvida nos mesmos problemas sociais e nas mesmas crises existenciais da juventude brasileira?

Queremos propor nesse trabalho que a leitura da Bíblia, se feita de maneira correta, com uma hermenêutica libertadora e atual, pode ajudar o jovem cristão e universitário a enfrentar os graves problemas da contemporaneidade. Não importa se essas dificuldades são encontradas na *universidade*, no mundo do *trabalho*, na sociedade do *consumo*, pela sensação de *insegurança*, dentre outras. É preciso resgatar o interesse pela leitura da Bíblia entre os jovens; não apenas como um objeto da fé cristã que ele professa, mas para mostrar que no texto bíblico existem propostas relevantes e atuais. É possível encontrá-las; para isso, é necessário capacitá-los para desenvolverem um olhar cuidadoso para o texto bíblico.

⁸⁵ LIBÂNIO, 1978, p.8.

⁸⁶ JOVENCÍDIO. “no Brasil, os jovens são alvos e também agentes dos atos de violência. Apesar de representarem 35% da população total do País, a faixa entre 18 e 29 anos de idade forma cerca de 54% da população carcerária. Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/12739/jovencidio>> Acesso em: 24 maio 2013.

2 O LUGAR DO TEXTO BÍBLICO NA FORMAÇÃO DA JUVENTUDE CRISTÃ UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA

“O objetivo principal da leitura da Bíblia não é interpretar a Bíblia, mas é interpretar a vida com a ajuda da Bíblia.” (Carlos Mesters)

Ler a Bíblia tem sido um ato praticado por inúmeras gerações. Quem lê a Bíblia hoje está inserido em uma tradição de leitores que leram, criticaram, reformaram e até guerrearam, baseados em deduções que fizeram após a leitura e a interpretação dos seus textos. Não temos uma estatística ou pesquisa⁸⁷ para comprovar, mas é comum lermos e ouvirmos dizer que a Bíblia é o livro mais lido, mais vendido e mais traduzido do mundo.⁸⁸

Para alguns, a Bíblia é o livro da sua devoção pessoal. Para outros é uma fonte literária riquíssima. É comum encontrar ainda aqueles que não conseguem atribuir nenhum tipo de valor ao texto; por outro lado, para muitos, ela é considerada um Livro Sagrado.

A seguir vamos apresentar alguns métodos de leitura da Bíblia, buscando, com isso, informar nossos jovens a respeito dessas ferramentas que possibilitam uma aproximação mais científica do texto bíblico, além de instrumentalizá-los para um nível de leitura mais profunda que dê a eles a possibilidade de aprimorar o diálogo no âmbito científico.

2.1 Conhecendo alguns métodos de leitura da Bíblia

Durante séculos a Bíblia tem sido lida e interpretada de várias maneiras. Observando a partir da Igreja Católica no Ocidente, era fato comum, na Idade Média, os estudiosos da Bíblia acharem que o texto tinha pelo menos quatro sentidos: literal (histórico), alegórico (cristológico), moral (tropológico) e anagógico (escatológico).⁸⁹ João Cassiano, monge e escritor asceta do sul da Gália, que foi um dos primeiros intérpretes da Idade Média, foi quem

⁸⁷ MESTERS, Carlos. *Flor sem defesa*. Uma explicação da Bíblia a partir do povo. Petrópolis: Vozes, 1991. p.11.

⁸⁸ BRAKEMEIR, Gottfried. *A autoridade da Bíblia – controvérsias; significado; fundamento*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2012. p.8.

⁸⁹ VIRKLER, Henry A. *Hermenêutica Avançada*. Princípios e Processos de Interpretação Bíblica. Tradução Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 1999. p.46.

apontou essa distinção, chamada de “quadriga”.⁹⁰ Essa leitura, com quatro níveis de sentido, foi a mais importante e predominante na Idade Média. Um esquema proposto por Nicolau de Lira tenta esclarecer esse modelo de interpretação: *Littera gesta docet* (a letra ensina os fatos); *Quid credas allegoria* (a alegoria o que debes crer); *Moralis quid agas* (a moral, o que debes fazer); *Quo tendas anagogia* (a anagogia a direção).⁹¹

Esse tipo de leitura foi criticado por Lutero, no período da Reforma Protestante, no século XVI, sobretudo porque a forma de interpretação que se consolidou entre os intérpretes da Idade Média foi a alegórica, que Lutero considerava “um monte de traços obsoletos”.⁹² Augustus Nicodemus afirma que “os Reformadores ensinavam que cada texto tem um só sentido, que é o literal – a não ser que o próprio contexto ou outro texto das Escrituras requeiram claramente uma interpretação figurada ou metafórica”.⁹³ Isso não significa que os reformadores não tinham a consciência de que algumas passagens bíblicas deveriam ser interpretadas respeitando o seu sentido figurado.⁹⁴ Consideramos importante a crítica feita por Lutero aos intérpretes escolásticos da Idade Média, encontrada no já citado livro de Augustus Nicodemus:

O que eles [os sofistas] deveriam fazer é vir ao texto vazios, derivar suas ideias da Escritura Sagrada, e então prestar atenção cuidadosa às palavras, comparar o que precede com o que vem em seguida, e se esforçar para agarrar o sentido autêntico de uma passagem em particular, em vez de ler as suas próprias noções nas palavras e passagens da Escritura, que eles geralmente arrancam do seu contexto.⁹⁵

A ênfase, nesse sentido, recaiu sobre o sentido literal do texto. Conforme Raymond Brow, “o sentido literal é o que os autores tencionavam e transmitiram aos seus ouvintes por meio daquilo que escreveram”.⁹⁶ A maneira dos reformadores interpretarem a Bíblia originou o método histórico-gramatical que teve o seu uso difundido depois da Reforma Protestante.⁹⁷

⁹⁰ LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus intérpretes – uma breve história da interpretação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 149-150.

⁹¹ LOPES, 2004, p.150.

⁹² VIRKLER, 1999, p.46.

⁹³ LOPES, 2004, p.161.

⁹⁴ LOPES, 2004, p.166.

⁹⁵ LOPES, 2004, p.161.

⁹⁶ BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004. p.94.

⁹⁷ LOPES, 2004, p.167.

Outro momento importante da história da interpretação bíblica deu-se a partir do Movimento Puritano Inglês. Esse movimento também foi um movimento de reforma, que surgiu do desejo de purificar a Igreja da Inglaterra, tendo em vista que para eles a reforma ainda não tinha sido completa.⁹⁸ A *Confissão de Fé de Westminster* é de autoria dos puritanos; é interessante observar que essa confissão começa com o capítulo “Das Sagradas Escrituras⁹⁹”, demonstrando o valor que esse movimento deu à leitura e à interpretação da Bíblia. Para eles era importante entender o sentido original, extrair os princípios doutrinários e aplicá-los aos seus leitores. Assim como para os “Reformadores, os puritanos entendiam que Cristo era o tema central das Escrituras”.¹⁰⁰ Da mesma maneira como faziam os reformadores, os puritanos utilizavam a regra geral de que “o sentido de uma passagem é o sentido literal, natural, óbvio e que era a intenção do autor”.¹⁰¹ Para os puritanos, a interpretação é um *donum interpretationis* (dom espiritual), sendo assim só é possível fazê-la corretamente através da iluminação do Espírito Santo, que é adquirida com uma vida de contínua oração.¹⁰²

A partir da Reforma Protestante foram surgindo outras abordagens de leitura da Bíblia. Dentre outros métodos, surgiu o histórico-crítico. Esse método, como o próprio nome sugere, questiona os textos bíblicos visando a voltar às fontes (*recursus ad fontes*), ou seja, quer aproximar-se ao máximo do texto original, usando para isso recursos científicos para atingir esse objetivo. Para Joseph Fitzmyer, “o método chama-se ‘histórico-crítico’ porque, [...], ele aplica à Bíblia técnicas críticas desenvolvidas a partir da filologia clássica alexandrina”.¹⁰³ O método utiliza-se da crítica textual, crítica literária, história traditiva, história redacional, história da forma, história temática, análise de detalhes e conteúdo teológico e escopo.¹⁰⁴

É importante para o jovem cristão saber de Valter Lara que “o método histórico crítico foi o pioneiro nessa aproximação da Bíblia com a ciência. A Bíblia tornou-se objeto de

⁹⁸ ENCICLOPÉDIA Histórico-teológica da Igreja Cristã. VI.3 (N-Z). Editor Walter A. Elwell. Tradução Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 208-209.

⁹⁹ GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. Tradução Norio Yamakini Et al. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 1006

¹⁰⁰ LOPES, 2004, p.175

¹⁰¹ LOPES, 2004, p.176

¹⁰² ANGLADA, Paulo. *Introdução à Hermenêutica Reformada – Correntes Históricas, Pressuposições, Princípios e Métodos Linguísticos*. Ananindeua: Knox Publicações, 2006. p.129.

¹⁰³ FITZMYER, Joseph A. *A interpretação da Escritura*. Em defesa do método histórico-crítico. Tradução Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 2011. p.78

¹⁰⁴ MUELLER, Ênio Ronald. *O Método histórico-crítico – uma avaliação*. p.237-318. In: FEE, Gordon D; STUART, Douglas. *Entendes o que lêes?* Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. Tradução Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2002. p.256-260.

análise histórica e literária, como qualquer outro documento do mundo antigo”.¹⁰⁵ Esse método, que teve o seu auge entre os séculos XVIII e XX, é usado até hoje entre os exegetas e biblistas, apesar de ser criticado com veemência por alguns.¹⁰⁶ Merece o nosso destaque o valor que a Igreja Católica dá a esse método; isso pode ser visto no documento da Igreja chamado *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, elaborado pela Pontifícia Comissão Bíblica:

O método histórico-crítico é o método indispensável para o estudo científico do sentido dos textos antigos. Como a Santa Escritura, enquanto « Palavra de Deus em linguagem humana », foi composta por autores humanos em todas as suas partes e todas as suas fontes, sua justa compreensão não só admite como legítimo, mas pede a utilização deste método.¹⁰⁷

No livro *Para ler as narrativas bíblicas – Iniciação à análise narrativa*, seus autores deixam em evidência o aspecto diacrônico¹⁰⁸ do método histórico-crítico, contrapondo-se a algumas metodologias de caráter sincrônico¹⁰⁹ – nesse caso a semiótica (ou estrutural):

Que busca a análise histórico-crítica? Ela se interessa pelo acontecimento histórico que o texto relata e pelas condições em que o texto foi escrito. De modo geral, seu interesse se fixa no mundo (histórico) por trás do texto. [...] Que busca a análise estrutural ou semiótica? Esse tipo de leitura gravita em torno do pólo sul do eixo da representação, enquanto a análise histórico-crítica se localiza ao norte.¹¹⁰

Por se tratar de um método que exige um domínio de ferramentas exegéticas mais apuradas, o método histórico-crítico não será acessível para um leitor que não conhece as línguas originais (Hebraico, Grego e algumas partes em Aramaico no AT) nas quais a Bíblia foi escrita, tendo em vista que um dos itens desse método é a Crítica Literária, que obriga o leitor a acessar as edições críticas da Bíblia, que estão no original. No entanto, entendemos

¹⁰⁵ LARA, Valter Luiz. *A Bíblia e o desafio da interpretação sociológica*: introdução ao primeiro testamento à luz de seus contextos históricos e sociais. São Paulo: Paulus, 2009. p.44.

¹⁰⁶ É o caso de Eugen Drewerman (ver no artigo *Psicologia profunda e exegese – A interpretação bíblica de Eugen Drewerman*, de Christoph Scheneider-Harpprecht), e Augustus Nicodemos (Ver em seu livro *A Bíblia e seus intérpretes*, da editora Hagnos), dentre outros que não mencionaremos aqui.

¹⁰⁷ A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA NA IGREJA. Pontifícia Comissão bíblica. <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html#I.MÉTODOS_E_ABORDAGENS_PARA_A_INTERPRETAÇÃO> Acesso em: 07.Mai.2013

¹⁰⁸ **Diacronia** = evolução; do grego dia = através de; cronoj = tempo.

¹⁰⁹ **Sincronia**= contemporaneidade; do grego sun junto, com; cronoj = tempo. Ver mais em: SILVA, Cássio Murilo Dias da. Metodologia de exegese bíblica. São Paulo: Paulinas, 2009. p.80-81.

¹¹⁰ MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas – Iniciação à análise narrativa*. Tradução Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2009. p.15-16.

que, se o jovem quiser aprofundar um pouco mais suas reflexões teológicas, deveria aos poucos aproximar-se desse e de outros métodos de leitura da Bíblia.

Outros métodos para leitura da Bíblia foram desenvolvidos durante a História da Igreja, que Martin Dreher entende ser “história da interpretação da Bíblia”.¹¹¹ Podemos destacar: o *Histórico-gramatical*, o método *Sociológico*, o método de *Leitura popular da Bíblia*, *Semiótica*, método *Estruturalista*, a *Hermenêutica Feminina*, a *Hermenêutica Negra*, a *Interpretação Psicológica*, dentre outros. Por outro lado, não podemos esquecer, por exemplo, a maneira que os judeus liam, e leem, o que os cristãos chamam de Antigo Testamento.¹¹² Hoje em dia tem crescido também a leitura da Bíblia na perspectiva literária, o que tem ajudado e muito no desenvolvimento da pesquisa e no estudo da Bíblia. Northrop Frye considera que “a abordagem da Bíblia de um ponto de vista literário não é de per si ilegítimo: nenhum livro poderia ter uma influência tão pertinaz sem possuir, ele próprio, características de obra literária.”¹¹³

A partir da nossa experiência eclesial, temos observado que os Batistas da CBB¹¹⁴ têm uma inclinação maior pelo método *Histórico-gramatical*. Talvez por ter sido o método de interpretação mais utilizado pela Reforma Protestante; assim como a influência da Teologia de Calvino nesse segmento, e além dele, a do pastor batista, conhecido como o príncipe dos pregadores – um dos últimos puritanos – Charles Spurgeon.¹¹⁵ Na Filosofia da Convenção Batista Brasileira, na parte que trata sobre “O indivíduo no propósito de Deus”, encontramos: “o livre exame da Palavra de Deus.”¹¹⁶ Sendo assim, percebemos que não há uma orientação oficial sobre o uso de alguma metodologia específica para ler as Escrituras entre os batistas brasileiros.

Convém lembrarmos que os métodos que utilizamos para leitura da Bíblia são formas de nos aproximarmos dos textos buscando sua melhor interpretação. Não existe um método específico que possa ser suficiente para apreendermos todas as riquezas e a beleza dessa

¹¹¹ DREHER, Martin. *Bíblia suas leituras e interpretações na história do cristianismo*. São Leopoldo: CEBI; Sinodal, 2006.

¹¹² Para aprofundar essa questão sugerimos a leitura do livro *A Bíblia Judaica e a Bíblia cristã* de Júlio Treballe Barrera, da Editora Vozes.

¹¹³ FRYE, Northrop. *O código dos códigos*. Tradução Flávio de Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004. p.14.

¹¹⁴ **Convenção Batista Brasileira**. No Brasil existe a Convenção Batista Brasileira (conhecidos como tradicionais), a Convenção Batista Nacional (movimento de renovação) e a Convenção Batista Regular (linha ultra-conservadora). Além de alguns grupos que se denominam Batistas, mas que não observam os princípios batistas e não estão ligados a alguma convenção.

¹¹⁵ LOPES, 2004, p.180.

¹¹⁶ SOUZA, Sócrates Oliveira de. *Pacto e comunhão – Documentos Batistas*. Rio de Janeiro: Convicção, 2010. p.71.

“biblioteca”. A interpretação “não tem a ver primeiramente com regras e técnicas, mas com o aprendizado de um caminho pelo qual se chegue àquilo que se busca. A palavra vem de *meta+hodós*, “pelo caminho” ou “com o caminho”¹¹⁷, conforme afirma Ênio Mueller.

A verdade é que esse texto tem sobrevivido a ataques vigorosos de seus críticos mais ferozes. Como constata o Frei Carlos Mesters, referindo-se a esses ataques, “um dos motivos aduzidos com maior frequência é que dentro da Bíblia não há quase nada que diga respeito direto à nossa vida com os seus problemas e tensões diárias”.¹¹⁸ Queremos, assim como Mesters¹¹⁹, mostrar o contrário dessa visão; a Bíblia é “um conjunto de expressões de vida, de testemunhos de vivências históricas e de fé. Sim, seu caráter vivencial e vivificante é talvez o aspecto mais importante: são escritos nascidos na vida e para a vida”.¹²⁰ Entendemos que o texto bíblico é um recurso valioso para o desenvolvimento pessoal e social em sentido pleno.

Apesar das críticas, a Bíblia tem sido lida em várias culturas, em vários grupos religiosos, entre ricos e pobres, entre crianças e adultos. Não apenas isso, “a Bíblia influenciou na cultura européia em todas as manifestações de arte, oferecendo temas, símbolos, linguagem: teatro, poesia, artes plásticas e música”.¹²¹ No Brasil podemos observar essa influência em nomes de estados e cidades como: São Paulo, Espírito Santo, Salvador, dentre outros.

2.2 A Juventude Cristã Universitária com a Bíblia nas mãos

O que queremos analisar a partir desse ponto é como a leitura do texto bíblico pode ajudar a Juventude Cristã Universitária a lidar com os problemas da contemporaneidade. Como afirma Edmilson Schinelo, “Torna-se cada vez mais comum encontrarmos jovens com

¹¹⁷ MUELLER, Enio R. *Caminhos de reconciliação: a mensagem da Bíblia*. Joinville: Grafar, 2010. p. 158

¹¹⁸ MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras*. Um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 2007. p.38.

¹¹⁹ MESTERS, 2007, p.229-234.

¹²⁰ ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos – Uma introdução crítica*. Tradução Celso Márcio Teixeira. São Paulo: Paulus, 2007. p.13.

¹²¹ ECHEGARAY, González J; Et al. *A Bíblia e seu Contexto*. Tradução Antônio Eduardo Quirino de Oliveira; Mário Gonçalves. São Paulo: Ave Maria, 2010. p. 352.

a Bíblia nas mãos, buscando nela respostas para suas questões e forças para a caminhada”.¹²²
 Nossa hipótese é que a Bíblia contém respostas às inquietações da sociedade atual.¹²³

Apesar da nossa convicção não faltam questionamentos. Será possível encontrar no texto bíblico, que foi escrito em uma cultura totalmente diferente da nossa, em um tempo tão distante do nosso, em idiomas que diferem muito do nosso, respostas que atendam aos anseios do nosso tempo? Como situações vivenciadas em um tempo tão longínquo podem comunicar algo para os desafios do século XXI?

Para isso, daremos alguns passos para tentar descrever o que acontece quando lemos a Bíblia e que tipo de mentalidade pode ser gerada se o texto for lido com critérios, de mente aberta, com os “pés descalços”, sem preconceitos, e com a expectativa de que ela tem algo a nos dizer, e, assim, com Carlos Mesters expressar que isso significa ajudar o leitor a tentar “[...] encontrar dentro do texto algo que ressoe dentro dele mesmo e que sirva para a sua vida de fé”.¹²⁴

2.3. A leitura do texto bíblico como formadora de uma consciência crítica da realidade

O Jovem cristão universitário, como já foi dito, encontra grandes desafios dentro do espaço acadêmico. Nesse espaço, é comum encontrarmos duríssimas críticas às expressões religiosas, que, muitas vezes, são consideradas instrumentos de atrofiamento do pensamento. O escritor Michael Onfray em seu livro *Tratado de Ateologia*¹²⁵, critica os movimentos religiosos, e isso inclui o cristianismo, afirmando que geram indivíduos que buscam no discurso metafísico uma maneira de fugir da realidade. A criação do que ele chama de além-mundos atinge aqueles que, cansados da realidade da vida, propõem uma rota de fuga e evitam assim o enfrentamento com o mundo real. Concordamos que um tipo de discurso reduzido da fé religiosa, independente do credo, pode gerar esse tipo de conduta, mas existem outros modos de viver a experiência religiosa, bem como de conceituar a realidade, e queremos demonstrá-los aqui.

¹²² SCHINELO, Edmilson. *Juventude e leitura popular*. p.9. In: SCHINELO, Edmilson (org.). *Leitura Bíblica: a juventude mostra o caminho*. São Leopoldo: CEBI, 2011.

¹²³ GASDA, Élio Estanislau (org.). *Sobre a Palavra de Deus: hermenêutica bíblica e teologia fundamental*. Petrópolis: Vozes; PUC Goiás, 2012. p.7

¹²⁴ MESTERS, 2007, p.37

¹²⁵ ONFRAY, Michael. *Tratado de ateologia: física da metafísica*. Tradução Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007. XIX-XXV (introdução).

Se observarmos com cuidado alguns elementos do texto bíblico, no Antigo Testamento, vamos nos deparar com uma postura de firmeza e enfrentamento da realidade, mas ao mesmo tempo um desejo de ver a realidade modificada, é o caso dos profetas.¹²⁶ A esperança por uma realidade melhor não significa uma fuga do real. O ser humano como um *ser desejante* pode vislumbrar uma realidade melhor. Não significa com isso que esteja buscando escapar magicamente das durezas da vida. O que há é uma expectativa pela mudança, e nisso não vemos nenhum mal. Esse desejo de mudança, inspirado pela leitura da Bíblia, é visível na Reforma Protestante. Num período de poderes centralizadores e autoritários, no âmbito político e religioso, Lutero se levantou profeticamente para denunciar os abusos e para propor uma liberdade de consciência, de autonomia dos indivíduos. Luis Mosconi, padre católico, conseguiu perceber isso quando afirmou que:

Lutero foi um dos que souberam perceber os tempos novos. Ele e a reforma protestante fazem parte do grande movimento da modernidade burguesa que exigia maior autonomia política e menos impostos. [...] Contestavam o autoritarismo eclesiástico, a arrecadação do dinheiro por meio das indulgências. Martinho Lutero voltou-se para a existência concreta. Relativizou doutrinas e verdades abstratas. Denunciou o peso insuportável das leis eclesiásticas e apelou para uma volta às fontes da Bíblia.¹²⁷

Já que falamos em “tempos novos”, há um texto no I livro das Crônicas, capítulo 12, versículo 32, que informa que os filhos de Issacar eram “conhecedores dos tempos”.¹²⁸ A Septuaginta traz o termo *kairós*¹²⁹, que foi traduzido no português por *tempo*.¹³⁰ Para compreender um pouco melhor a palavra na passagem citada, *kairós* está para além da mera contagem cronológica. É algo existencial. Sendo assim, o texto parece estar falando de indivíduos que estão atentos aos acontecimentos, estão sensíveis às mudanças, estão percebendo os deslocamentos da sociedade. Paul Tillich entende que “a consciência de um *kairós* é uma questão de visão. Não é objeto de análise e cálculo tais como os que poderiam

¹²⁶ Sugerimos a leitura do livro *Profetismo em Israel: O profeta, os profetas, a mensagem*, de José Luís Sicre, editado pela Editora Vozes.

¹²⁷ MOSCONI, Luis. *Para uma leitura fiel da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2002. p.60.

¹²⁸ BÍBLIA SAGRADA. *Almeida Séc. XXI*. Coordenação Luiz Alberto Teixeira Sayão. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 448.

¹²⁹ SEPTUAGINTA. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006. p. 781

¹³⁰ Em outro momento vamos analisar com maior profundidade as diferenças dos dois termos gregos: Chronos e Kairós, que aparecem no texto do Novo Testamento e que são traduzidos, na maioria das traduções brasileiras, por “tempo”.

ser dados em termos psicológicos ou sociológicos. Não é uma questão de observação distanciada mas da experiência comprometida”.¹³¹

Muitos eventos relatados no texto bíblico refletem situações sociais vivenciadas na época em que foram escritos. O *movimento profético* que tem um destaque no Antigo Testamento, assim como o gênero literário decorrente desse movimento, demonstra a ação de pessoas que, além de serem *videntes*, eram *sociólogos* do seu tempo. Liam a realidade, denunciavam impunidades, questionavam a estratificação social, a marginalização dos desfavorecidos, os diversos tipos de pecados cometidos pela sociedade do seu tempo.

Essa postura exercida pelos profetas pode estimular uma atitude crítica para os leitores do nosso tempo. Se lermos o texto analisando cada elemento que caracterizava a sociedade dos tempos bíblicos, poderemos extrair lições e elaborar uma agenda que se alinhe à proposta desse movimento do passado, que tem uma mensagem atual para o nosso tempo. Esse é o tipo de leitura que estamos propondo para a Juventude Cristã Universitária.

Um método de leitura muito importante para extrair essas lições é o “método sociológico”, que é também conhecido como Leitura Sociológica da Bíblia. O método sociológico “[...] nasceu no horizonte analítico do método histórico crítico”.¹³² Mas o que é o método sociológico? Valter Lara afirma o seguinte:

O método sociológico é complemento da análise histórico crítica, pois quer perceber a sociedade como um todo que está por detrás do texto e que se deixa captar no próprio texto. É um método que visa reconstituir o comportamento coletivo típico das relações humanas em suas estruturas, conflitos e funções. O texto é compreendido como de interesse que representam grupos, as comunidades ou os setores da sociedade em que foi redigido originalmente.¹³³

Esse modo de ler o texto analisa alguns aspectos nos quais uma passagem foi escrita. Consiste em observar o lado social, político, ideológico e religioso de cada trecho. Com isso, será possível identificar os grupos dominantes dentro da sociedade, quais são as influências religiosas, as ideologias predominantes, entender como os grupos políticos se organizavam, bem como a estratificação social. É chamado também de “leitura através dos quatro lados.”¹³⁴

¹³¹ TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. Tradução Getúlio Bertelli. São Leopoldo: Sinodal, 1987. p.668.

¹³² LARA, 2009, p.55.

¹³³ LARA, 2009, p.57.

¹³⁴ BRAKEMEIER, 2012, p.60.

Ler o texto com esses enfoques pode ajudar, e em muito, na compreensão da realidade, gerando assim, uma atitude mais crítica do nosso momento atual. Identificando como as sociedades do período bíblico estavam organizadas, podemos estabelecer paralelos com a contemporaneidade. Isso contribui para uma visão mais crítica da nossa sociedade moderna, ajudando-nos a ter um posicionamento efetivo em nosso tempo.

2.4. A leitura do texto bíblico como estruturadora das relações existenciais

O texto bíblico reflete a memória de pessoas que enfrentaram as lutas que são inerentes aos seres humanos. Nele há relatos de perdas, alegrias, tristezas, angústias, sonhos, limitações, expectativas, decepções, traições, dentre outros.

Quando lemos alguns Salmos, por exemplo, estamos diante da vida como ela é. Não há maquiagens, pelo contrário há um desnudar da alma humana. Quando o salmista diz: “Ó Deus, salva-me, pois as águas sobem até o meu pescoço” (Sl 69.1), ou quando afirma “Ó Deus, apressa-te em me livrar, apressa-te em socorrer-me!” (Sl 70.1), ficam evidentes as lutas enfrentadas, assim como a expectativa de livramento.

O ser humano, como afirmou o teólogo Leonardo Boff, é um projeto infinito. Ele diz:

É a experiência do próprio ser humano como um ser histórico, um ser que está se fazendo continuamente. É o que chamamos de experiência originária. Quando falamos filosoficamente em existência, dizemos: *ex-istência*. Estamos sempre nos projetando para fora (ex), construindo nosso ser. Nós não o ganhamos pronto. Nós o moldamos mediante a nossa liberdade, mediante os enfrentamentos e intimidações do real. Ao reagir, assumir, rejeitar e modelar, vamos construindo a nossa *ex-istência*. O ser humano é um ser nunca pronto [...].¹³⁵

São os enfrentamentos com a realidade que contribuem para nos formar como seres humanos. Muitas vezes a vida nos propõe desafios, e para superá-los é necessário transcender. O ser humano não se conforma com a realidade dada e segue em busca de alternativas visando a transpor o aparentemente intransponível. Esse processo é, muitas vezes doloroso, mas é o caminho necessário para a maturidade.

¹³⁵ BOFF, Leonardo. *Tempo de Transcendência*. O ser humano como um projeto infinito. Rio de Janeiro: Sextante, 2000. p.26.

A narrativa bíblica está cheia de personagens que passaram por agudos problemas existenciais. Por exemplo, no Éden, com a conhecida pergunta: “Onde estás?” (Gênesis 3.9). Essa pergunta está para além da dimensão geográfica. *Onde estás* pode significar um confronto existencial. É a pergunta da localização do indivíduo em sua dimensão mais própria. É a pergunta que toca na dimensão mais profunda do *ser* e que quer saber se o homem está sendo aquilo a que ele foi destinado a *ser*. Heidegger fala da “propriedade” e “impropriedade” como sendo os modos do indivíduo se colocar no mundo.¹³⁶ Quando não vivemos de acordo com aquilo que nos é mais próprio, ao que fomos destinados a *ser*, e simplesmente copiamos o que todo mundo faz, estamos no *estado de impropriedade*. Quando assumimos o nosso lugar no mundo, mesmo diante dos enfrentamentos do real, e não importando o preço a pagar com a nossa atitude, temos a possibilidade de vivenciar o *estado de propriedade*, ou seja, ser de fato o que somos convocados a *ser*.

O fato de Adão esconder-se no Éden tipifica um modo de *ser* que não corresponde ao ideal. Esconder-se é viver na impropriedade, um estado de negação das potencialidades, de negação de possibilidades. Em outras narrativas bíblicas encontramos casos parecidos. Moisés quando respondeu: “não sei falar” (Êxodo 3.10); Jeremias, ao dizer: “sou apenas um menino” (Jeremias 1.6), são demonstrações de como somos tentados a viver na impropriedade. Por outro lado, o Deus que interpela, que convoca, que desafia, quer que o indivíduo viva no seu estado mais próprio. Nesse caso há uma convocação que atua como estruturadora da dimensão existencial, que tanto funciona para organizar interiormente o homem, como para orientá-lo para fora, para as relações.

Como perceber a relação entre os problemas existenciais dos personagens dos textos bíblicos com os nossos problemas? De que maneira é possível estabelecer uma relação que possa iluminar a nossa percepção e, assim, contribuir para um ajustamento existencial? Uma leitura que pode ajudar nessa compreensão é a leitura psicológica. Como afirmou Gottfried Brakemeier:

De fato, há um profundo abismo entre o mundo da Bíblia e o do século XXI. A pesquisa histórica, no entender de Drewermann, aumenta essa distância e dificulta a comunicação. Enquanto isto, a interpretação psicológica da Bíblia cria, conforme ele, “*isocronia*”, isto é uma simultaneidade temporal, transpondo o referido fosso histórico. Exegese, então, conduz as pessoas aos porões da alma, despertando experiências religiosas comuns e abrindo exatamente assim as portas aos tesouros bíblicos. Os textos comunicam seus conteúdos não como mera informação.

¹³⁶ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2008. p.386.

Transmitem verdade em forma de experiência religiosa, relevante em todos os tempos.¹³⁷

A leitura psicológica da Bíblia cria uma conexão entre os nossos problemas e os problemas dos personagens bíblicos. Uma das estratégias utilizadas para isso é a do *bibliodrama*, com a qual os leitores do texto assumem e interpretam os papéis assim como as falas do personagem bíblico. Com isso o leitor e intérprete do texto entende que o Adão que se esconde é *ele* mesmo, o Moisés que não sabe falar é *ele*, bem como a criança que Jeremias disse ser. A partir da constatação, o leitor poderá ser levado a uma mudança de conduta, caso esteja em uma posição inadequada; ou, como já dissemos, na impropriedade. Esse modo de leitura foge do mero historicismo aproximando e dando ao leitor a possibilidade de fazer um exame pessoal e, a partir desse encontro consigo mesmo, poder vivenciar melhor a sua relação com o outro e com Deus.

2.5. Um convite a *ser* a partir da leitura bíblica

Até aqui temos visto como a leitura do texto bíblico pode promover uma mudança no leitor. Ele pode ser despertado, dependendo de como leia o texto, a olhar de maneira mais crítica para a sociedade na qual está inserido, assim como ser convocado a uma mudança existencial. O ato de ler o texto bíblico pode provocar mudanças consistentes no indivíduo, porém, entendemos que um modelo de leitura que não esteja sensível aos diversos aspectos que estão no texto pode provocar uma leitura fundamentalista que mais prejudica do que ajuda o indivíduo a *ser*. É necessário “tentar colar o ouvido ao texto e segui-lo atentamente”¹³⁸, como afirmou Ênio Mueller.

Ler a Bíblia não pode ser um ato meramente técnico. Ulrich Körtner compartilha dessa visão quando diz que, “[...] mesmo para o teólogo que trabalha de forma científica, nada melhor pode acontecer do que tornar-se um leitor da Bíblia que se deixa tocar pelos textos”.¹³⁹ Essa escuta ao texto é que possibilita encontrar a reserva de sentido que está para além da estrutura gramatical. A leitura de um texto, e não pode ser diferente com a Bíblia, tem também um caráter artístico.

¹³⁷ BRAKEMEIER, 2012, p.63.

¹³⁸ MUELLER, Enio R. *Caminhos de Reconciliação: a mensagem da Bíblia*. Joinville: Grafar, 2010, p. 21.

¹³⁹ KÖRTNER, Ulrich H. J. *Introdução à Hermenêutica Teológica*. Tradução Paul Tornquist. São Leopoldo: Sinodal;EST, 2009

Como afirma Walmor Oliveira de Azevedo, ler não pode ser reduzido a uma decodificação de vocábulos, ou meramente seguir as regras de uma gramática, “trata-se de fazer um percurso com percepção em profundidade de horizontes de significação que ultrapassam a compleição de sistema subjacente na estrutura material e formal da língua, e, também do gesto ou das circunstâncias”.¹⁴⁰

É nessa disposição, na qual lemos o texto e deixamos que ele nos leia, que será possível respondermos à convocação para *sermos*. Os métodos que sugerimos são possibilidades de leitura que podem nos ser úteis, não como resposta final, mas para nos ajudar no nosso caminho de leitura, evitando os abusos bem como o risco de perdermos a beleza e a riqueza que o texto bíblico tem para oferecer.

2.6. Juventude, leitura da Bíblia e mudança da realidade

Entendemos que a Juventude Cristã Universitária tem muito a ganhar se colocar na sua lista de prioridades a leitura da Bíblia. Para isso faz-se necessário acessar os textos usando as chaves certas que possam viabilizar um adentramento na realidade do texto. Podemos buscar uma leitura bíblica, na ótica da juventude, que promova a vida em todas as suas dimensões.¹⁴¹ As práticas libertadoras da Bíblia, sobretudo através de Jesus Cristo, podem servir de modelo para a juventude buscar caminhos de libertação. Os oráculos de denúncia do caos social, proferidos pelos profetas, podem estimular uma postura mais ativa diante dos problemas da sociedade atual. As histórias de superação podem contribuir para a criação de um horizonte de esperanças e de inconformação com a realidade dada. É no “sê tu” (Gênesis 12.2) de Abraão que encontramos direção para *sermos nós* em nosso tempo.

Sendo assim, a leitura do texto bíblico pode contribuir para uma formação integral, que propicie um ajustamento do *ser* que não seja apenas intelectual, mas que contemple as dimensões mais profundas da existência. Podemos encontrar esses recursos em textos diversos na Bíblia, inclusive nas epístolas paulinas, das quais iremos analisar uma das passagens (I Ts 5.1-11) nesse trabalho. Antes, porém, vamos refletir um pouco sobre a

¹⁴⁰ AZEVEDO, Walmor Oliveira de. *O que é ler?* p.46. In: Métodos para ler a Bíblia. Estudos bíblicos n°32. Petrópolis; São Leopoldo: Vozes; Sinodal, 1991.

¹⁴¹ LAVOR, Janeide. *Bíblia: a juventude pode mostrar o caminho.* p.48. In: SCHINELO, Edmilson (org.). *Leitura Bíblica: a juventude mostra o caminho.* São Leopoldo: CEBI, 2011.

atualidade e o interesse pelo apóstolo Paulo, na contemporaneidade, e como alguns dos seus temas são atuais para o nosso tempo.

2.7. A atualidade de Paulo: diálogo com os desafios da contemporaneidade

Paulo é – depois de Jesus Cristo - sem dúvidas, o personagem mais importante do Novo Testamento. O volume de textos atribuídos a ele¹⁴², assim como o conteúdo desse material, provoca, até no leitor mais desatento, emoções das mais diversas possíveis. Por isso, examinar o material desse apóstolo deve ser tarefa obrigatória para quem deseja aproximar-se do mundo do Novo Testamento e de sua teologia.

Paulo conseguiu misturar reflexões teológicas profundas com uma acurada sensibilidade para tratar de problemas do ser humano. Do ponto de vista teológico, o teólogo James Dunn afirmou o seguinte:

Paulo foi o primeiro e o maior teólogo cristão. Na perspectiva das gerações posteriores, Paulo é sem dúvida o *primeiro* teólogo cristão. Naturalmente, todos os que pensam e expressam sua fé como cristãos podem apropriadamente ser chamados “teólogos cristãos”, ou pelo menos descritos como funcionando teologicamente. Mas Paulo pertence ao grupo de cristãos que viram como parte de sua vocação articular a sua fé por escrito e instruir os outros na sua fé comum, e dedicaram parte considerável da sua vida a fazê-lo.¹⁴³

O teólogo Raymond Brown afirmou que “todos os cristãos tornaram-se filhos de Paulo, na fé”. A maneira vigorosa como Paulo expressou os seus argumentos tem influenciado pensadores, e até alguns pensadores ateus, a se debruçarem sobre os pensamentos do apóstolo. É o caso do pensador Francês Alan Badiou. Vejamos o que ele declarou em sua obra São Paulo:

¹⁴² As cartas: I aos Tessalonicenses, I e II aos Coríntios, Gálatas, Romanos, Filipenses e Filêmon, são consideradas “cartas autênticas” de Paulo. II aos Tessalonicenses, Efésios, Colossenses, I e II Timóteo e Tito são *deutero-paulinas*, mas com influência direta do pensamento paulino. Alguns defendem a autoria paulina das treze cartas e alguns ainda incluem a Carta aos Hebreus como sendo da autoria de Paulo. Para aprofundar a discussão sugerimos a “Introdução ao Novo Testamento”, de Werner Kümmel, editado pela Paulus.

¹⁴³ DUNN, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. Tradução Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003. p.25-26.

Na realidade, Paulo não é, para mim, um apóstolo ou um santo. Eu não tenho a menor necessidade da Nova que declara ou do culto que lhe foi consagrado. Mas ele é uma figura subjetiva de importância fundamental. [...] Nenhuma transcendência, para mim, nada de sagrado, igualdade perfeita com qualquer outra obra, uma vez que ele me toca pessoalmente.¹⁴⁴

É uma declaração no mínimo interessante vinda de um autor que se autodenomina “hereditariamente ateu”.¹⁴⁵ Ele ainda faz questão de dizer que “Paulo é pensador-poeta do acontecimento e, ao mesmo tempo, aquele que enuncia atos constantes característicos do que se pode denominar a figura militante”.¹⁴⁶

Por outro lado existem aqueles que fazem duras críticas a Paulo. É o caso de Michael Onfray, já citado nesse trabalho. Para ele, Paulo não passa de *um judeu histérico, neurotizador do mundo, que elogia a escravidão, e que tem ódio à inteligência*¹⁴⁷. Vejamos o que ele diz:

Paulo apropria-se do personagem (Jesus, *acrécimo nosso*) e o veste, fornece-lhes idéias. O Jesus primitivo não fala contra a vida. Duas frases (Mc VII, 15 e X,7) mostram-no sem oposição ao casamento mas nem um pouco fascinado pelo ideal ascético. É inútil procurar suas prescrições rigorosas no terreno do corpo, da sexualidade, da sensualidade. [...] Paulo de Tarso transforma o silêncio de Jesus sobre essas questões num tumulto ensurdecador promulgando o ódio ao corpo, às mulheres e à vida.¹⁴⁸

De fato, algumas expressões atribuídas ao apóstolo Paulo podem dar margens a interpretações complexas. Algumas delas serviram para orientar a estrutura eclesial e ainda servem de modelo para que organizações cristãs estabeleçam sua ordem. A verdade é que não podemos ler os textos paulinos e não sermos atingidos de alguma maneira pela beleza e argumentação dinâmica desse pensador cristão.

Se não houver um critério de leitura, algumas afirmações de Paulo como: “as mulheres devem permanecer caladas nas igrejas. Porque não lhes é permitido falar. Mas estejam submissas como também a lei ordena” (I Coríntios 14.34), ou ainda “Foste chamado sendo escravo? Não te preocupes com isso. Mas se ainda podes conseguir tua liberdade, aproveita a

¹⁴⁴ BADIOU, Alain. *São Paulo: a fundação do universalismo*. Tradução Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2009. p.7.

¹⁴⁵ BADIOU, 2009, p.7.

¹⁴⁶ BADIOU, 2009, p.8.

¹⁴⁷ ONFRAY, 2007, p. 111-118.

¹⁴⁸ ONFRAY, 2007, p.111.

oportunidade” (I Coríntios 7.21), podem sugerir que o apóstolo era misógino ou até mesmo a favor da escravidão.

Ajuda ao leitor da Bíblia fazer uma leitura no conjunto da Obra do autor e não apenas em passagens isoladas. As ferramentas de interpretação ajudam nesse sentido. Analisar o contexto histórico e cultural, analisar os termos (grego e hebraico) que aparecem no texto, assim como a visão teológica do texto na época em que foi escrito, podem ajudar a clarear passagens que nos parecem obscuras e estranhas. Outro fator importante é entender que as passagens bíblicas são inseridas em gêneros literários que exigem uma especificidade para a sua leitura. No caso de Paulo, o gênero predominante é o epistolar.¹⁴⁹

Concordamos com o biblista Sebastião A. G. Soares quando ele afirma que, “num tempo em que precisamos assumir com coragem espiritual e autonomia nossos dons e carismas a serviço do povo, e nossas próprias responsabilidades diante de Deus, Paulo nos aparece afirmando a liberdade como a condição própria da vida cristã”.¹⁵⁰ Paulo nos convida a uma ação consciente e consistente em nosso tempo. Aponta que há a possibilidade de diálogo e de aproximação entre diferentes. Convida-nos a olharmos ao nosso redor com fé, esperança e amor.

Diante do secularismo do nosso tempo, da sociedade consumista e imediatista, dos temores em relação ao que nos espera no futuro, da sensação de insegurança nas nossas capitais, da violência contra a juventude em nosso país, da religião mercadológica, alguns dos inúmeros desafios da sociedade contemporânea é que a Juventude Cristã Universitária Brasileira é convidada a “reler Paulo”. Para isso, usaremos como referência a passagem que ele escreveu aos Tessalonicenses, capítulo 5, versículos de 1 a 11, que servirá de modelo para estimular outras leituras e para constatar que, apesar da distância cronológica, Paulo continua atual.

¹⁴⁹ A Epístola é a mais básica das categorias de gênero. Klaus Berger chamou esse gênero de epistolária. “Epistolária é o nome que damos a elementos pessoal-pragmáticos nas cartas, isto é, a todos os trechos que se referem a aspectos reais da relação entre o autor e o(s) destinatário da carta, ao contato fora da carta e a toda situação “pragmática” imediata, no momento da carta”. Ver em: BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. Loyola, p.252. Ver também: OSBORNE, Grant. *A Espiral Hermenêutica – uma nova abordagem à interpretação bíblica*. Vida Nova, p.398-411.

¹⁵⁰ SOARES, Sebastião A. G. *Rer Paulo: desafio à igreja*. Série A palavra na vida 79/80. São Leopoldo: CEBI, 2004. p.8.

3 ESTUDO EM I TS 5.1-11: UM GUIA PARA A JUVENTUDE CRISTÃ UNIVERSITÁRIA SUPERAR OS DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE

“Através da leitura da Bíblia, Deus nos devolve o olhar da contemplação e nos ajuda a decifrar o mundo e a transformá-lo, para que seja, novamente, uma revelação de Deus, uma teofania.” (Santo Agostinho)

Nesse capítulo nós faremos um exercício de leitura em uma *perícope*¹⁵¹ da primeira carta de Paulo aos Tessalonicenses. A epístola foi escolhida por apresentar alguns temas importantes que podem servir de parâmetro para discutirmos e compararmos com os principais problemas que a Juventude Cristã Universitária Brasileira tem enfrentado na contemporaneidade. Como foi visto no primeiro capítulo, questões como: universidade, trabalho, consumo, religiosidade e segurança são alguns dos principais temas que despertam o interesse da juventude na atualidade. Concordamos que outros temas, como a tecnologia, sexualidade e política são relevantes; mas, para o objetivo do nosso trabalho, considerando a observação que fizemos a partir da realidade da nossa comunidade de fé, optamos por refletir sobre os cinco temas referidos acima.

Nossa leitura não privilegiará nenhum dos métodos hermenêuticos já destacados anteriormente. Será possível ver na nossa leitura a aplicação de recursos de vários métodos de leitura da Bíblia. Entendemos que os métodos são ferramentas de leitura. No entanto, conforme afirmou o biblista Carlos Mesters, “o instrumento mais importante da interpretação não é o microscópio com que se olha, mas são os olhos que olham pelo microscópio”.¹⁵² Não devemos usar apenas um método para ler todos os textos da Bíblia, mas usar o que há de melhor em cada um deles. Sem perder de vista a sensibilidade daquele que lê os textos. É o que tentaremos propor aqui, desejando que o jovem cristão universitário possa ter consciência dessas ferramentas, podendo assim fazer uso delas no seu exercício de leitura individual e coletivo.

¹⁵¹ “A palavra *perícope*” vem da língua grega e significa: algo cortado ao redor. *Perícope*, portanto, é uma pequena unidade literária com autonomia, pensamento próprio. MOSCONI, Luis. *Para uma leitura fiel da Bíblia*. São Paulo: Loyola, 2002. p.119

¹⁵² MESTERS, 2007, p.27.

3.1 Para início de conversa: o que há por trás do texto?

Para uma leitura da Bíblia que propicie resultados mais eficazes, é importante fazer um exame para além do texto. Alguns recursos hermenêuticos ajudam nesse processo, como Fazer uma análise contextual e cultural, léxico-sintática, análise de gêneros literários e análise teológica.¹⁵³

A *Análise Contextual e cultural* visa a analisar o ambiente onde o texto foi escrito. Quem escreveu? Para quem escreveu? Em que época escreveu? Qual a realidade social, econômica, religiosa e política do grupo para qual o texto foi escrito? São algumas das perguntas importantes nesse momento do estudo. Além disso, é importante observar os costumes culturais, que podem ajudar a esclarecer aspectos que numa primeira leitura podem parecer obscuros.

A *Análise Léxico-sintática* procura fazer o estudo das palavras e frases que aparecem no texto, buscando, sobretudo, entender qual o significado delas quando o texto foi escrito, tendo em vista que há um dinamismo na língua que faz com que alguns termos ou expressões se modifiquem com o passar do tempo. O leitor da Bíblia precisa, em primeiro lugar, saber o que esses termos significavam quando foram proferidos em seu tempo. Ajuda nessa análise o conhecimento das línguas bíblicas – hebraico, aramaico e grego - ou pelos menos o suficiente para consultar léxicos e dicionários nas línguas originais.

Através da *Análise de gêneros literários* o estudante da Bíblia saberá usar os recursos apropriados para examinar cada passagem bíblica. O leitor da Bíblia deve ter consciência de que a Bíblia, por ser uma biblioteca, foi escrita com gêneros literários distintos. É possível encontrar *narrativas, poesias, parábolas, apocalíptica, profecia, epístola*, dentre outros gêneros. Cada gênero desses tem uma maneira própria de ser lido para, assim, podermos extrair de maneira mais segura o sentido do texto.

¹⁵³ Para esses e outros enfoques hermenêuticos queremos sugerir a leitura de alguns livros: *A Espiral Hermenêutica*, de Grant Osborne, da Editora Vida Nova; *Hermenêutica Avançada*, de Henry Virkler, da Editora Vida; *Para uma leitura fiel da Bíblia*, de Luis Mosconi, da Editora Loyola; *4X1 – Um único sentido bíblico e vários ‘fazeres’*, de Carlos Buzzetti; *Chave para análise de textos bíblicos*, de João Luiz Correia Júnior, da Editora Paulinas. Além das obras que já foram citadas nesse trabalho.

A *Análise teológica* tenta identificar qual o pensamento teológico que predominava quando o texto foi escrito. Deus foi se revelando aos poucos à humanidade. É importante saber disso, pois os autores bíblicos escreveram a partir da consciência que eles tinham de Deus, na época em que escreveram seus textos. Uma leitura apressada dos textos, sem essa consciência, poderá levar o leitor a presumir que o Novo Testamento anula aspectos do Antigo Testamento. Na verdade, é necessário entender qual a compreensão teológica do autor quando ele escreveu o texto.

Outros aspectos são importantes para descobrir o que há por trás de um texto bíblico. É possível encontrá-los nos textos que já foram sugeridos em nota (108). Entendemos que, para aqueles que nunca usaram esses recursos em suas leituras, os que destacamos aqui já ajudarão na leitura mais criteriosa do texto bíblico.

3.1.1 A importância da 1ª Carta aos Tessalonicenses

Não entendemos por que um texto, considerado o mais antigo preservado da Tradição Cristã, não recebe a atenção devida. Esse texto foi escrito aproximadamente em 51 dC.¹⁵⁴ Conforme afirmou Philipp Vielhauer, a carta de Paulo aos Tessalonicenses é “a mais antiga carta paulina que nos ficou preservada e concomitantemente o mais antigo escrito do cristianismo primitivo [...]”.¹⁵⁵ Raymond Brow vai dizer que, “por ser o escrito cristão mais antigo conservado, esse documento tem um significado especial até mesmo fora do *corpus* paulino”¹⁵⁶, tendo em vista que essa epístola trata da compreensão teológica da *igreja primeva*, assim como mostra o ingresso na fé cristã daqueles que anteriormente eram considerados pagãos. Como aponta Howard Marshall, falando sobre a composição da igreja em Tessalônica, ele diz que “[...] a igreja consistia em ex-pagãos mais do que de Judeus ou gentios que adoravam o Deus único na sinagoga”.¹⁵⁷

¹⁵⁴ FERREIRA, Joel A. *Sociologia da comunidade de Tessalônica*. Petrópolis:Vozes, 1990.p.9.

¹⁵⁵ VIELHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva – introdução ao Novo Testamento, aos apócrifos e aos pais apostólicos*. Tradução Ison Kayser. Santo André: Academia cristã, 2005. p.111.

¹⁵⁶ BROWN. Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução Paulo Valério. São Paulo: Paulinas, 2004. p.607.

¹⁵⁷ MARSHALL, I. Howard. *I e II Tessalonicenses: introdução e comentário*. Série cultura bíblica. Tradução Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1993. p.22.

O pano de fundo do texto apresenta a complexidade cultural, religiosa, política e econômica que os cristãos encontraram para dialogar com esses grupos. Conforme afirmou Marga J Stroher: “O escrito, por ser considerado o mais antigo do Novo Testamento e a primeira carta de Paulo e seus companheiros de missão, pode dar indicativos da teologia paulina embrionária e da organização das primeiras comunidades cristãs desse período”¹⁵⁸,

Por se tratar do texto mais antigo – de que temos conhecimento - da fé cristã, consideramos importante a leitura e o estudo dessa carta, pois nela está impressa a visão de mundo dos primeiros cristãos e como eles conseguiram conciliar a mensagem da fé cristã em um ambiente policultural e multirreligioso. Isso dá a essa carta uma importância que nem temos como descrever. Sendo assim, a interpretação desse texto nos ajudará a dialogar com os desafios que encontramos em nossa cultura atual, que apresenta aspectos similares àqueles experienciados na Tessalônica do Primeiro Século.

Como já afirmamos anteriormente, o objeto da nossa análise é a perícopes do capítulo 5.1-11. Não vamos fazer uma análise versículo por versículo, mas destacaremos os temas mais importantes. A visão geral da carta, portanto, ajudar-nos-á a compreender o contexto no qual essa perícopes aparece.

3.1.2 A cidade de Tessalônica

O apóstolo Paulo é o autor da primeira carta aos tessalonicenses. Entre os estudiosos do Novo Testamento, predomina a hipótese de que Paulo escreveu essa carta da cidade de Corinto. É o caso de Werner Kümell, quando afirma que “[...] a hipótese predominante é a de que I Ts tenha sido escrita em Corinto, para onde Paulo se dirigira ao deixar Atenas, e onde, conforme Atos 18,5, Timóteo e Silas novamente se encontraram [...]”¹⁵⁹ com ele. No entanto, existem visões diferentes quanto ao local onde Paulo escreveu essa carta. O próprio Kümell apresenta uma delas:

[...] I Ts deve ter sido escrita em Atenas, depois que Paulo veio de Corinto, porque, durante sua permanência em Corinto, Paulo ainda partilhava da expectativa de que todos os cristãos viveriam até a parusia, ao passo que, segundo I Ts 4,15ss, esta perspectiva já não corresponde ao seu pensamento na época.

¹⁵⁸ STROHER, Marga. *Cuidado com os que proclamam paz e segurança* – Eis que virá destruição e dor. Uma escatologia da resistência em I Tessalonicenses? Estudos bíblicos, V93. Petrópolis: vozes, p.59-64, 2007.

¹⁵⁹ KÜMELL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução Paulo Feine. São Paulo: Paulus, 1982 .p.329.

Além de Werner Kümell, Raymond Brow¹⁶⁰, Philipp Vielhauer¹⁶¹ e Udo Schnelle¹⁶² defendem que Corinto é o local de onde Paulo escreveu essa carta.

A história da redação da primeira carta aos tessalonicenses ganha maior significado quando conhecemos, um pouco mais, o ambiente onde a comunidade estava inserida.

É importante saber que a cidade de Tessalônica era estratégica para o Império Romano. Ela foi fundada cerca de 300/315 a.C. pelo general Cassandro, que homenageou sua esposa dando seu nome à cidade. A cidade de Tessalônica é conhecida hoje como Salônica e fica situada no nordeste da Grécia.¹⁶³ Marshal afirma que Tessalônica “chegou a ser uma das principais cidades de Macedônia”.¹⁶⁴

Tessalônica era uma cidade que abrigava grande diversidade cultural e religiosa. Isso fazia com que ela fosse um espaço de abertura para inserção de novos costumes e a implantação de novos grupos religiosos. Com isso, podemos imaginar que esse caldeirão cultural, e privilegiado economicamente, se mostrou como grande desafio à implantação de um trabalho missionário pelo Apóstolo Paulo e seus companheiros de missão.

A seguir vamos apresentar algumas informações que nos ajudarão a compreender alguns aspectos da comunidade de Tessalônica. Provavelmente nem todos os fatores da cidade afetaram integralmente a comunidade, mas, por certo, influenciaram de certa forma na composição dela.

3.1.2.1 Ambiente Social

A partir de evidências externas – encontradas em outras epístolas paulinas – é possível ter uma ideia de como era o ambiente social de Tessalônica. Por exemplo, na segunda carta aos coríntios, capítulo oito, dos versículos de 2-4, Paulo afirma o seguinte:

Em muita prova de tribulação houve abundância do seu gozo, e a sua profunda pobreza transbordou em riquezas da sua generosidade. Pois segundo as suas posses (o que eu mesmo testifico), e ainda acima delas, deram voluntariamente. Pedindo-

¹⁶⁰ BROWN, 2004, p.609.

¹⁶¹ VIELHAUER, 2005, p.118.

¹⁶² SCHENELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. Tradutora Monika Ottermann. Santo André; São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2010, p.209.

¹⁶³ MARSHALL, 1993, p.19.

¹⁶⁴ MARSHALL, 1993, p.19.

nos com muitos rogos o privilégio de participarem desse serviço, que fazia para com os santos.¹⁶⁵

Nesse texto, Paulo faz referência ao auxílio prestado pela comunidade de Corinto aos irmãos da Macedônia, onde Tessalônica ficava localizada. Esse texto parece sugerir o estado de pobreza dos irmãos daquela localidade.

No seu excelente trabalho sobre a *Sociologia da comunidade de Tessalônica*, Joel Ferreira divide a sociedade de Tessalônica em duas categorias: *dominantes* e *dominados*. Entre os *dominantes* encontramos os que ele chamou de a) *Notáveis*: o procônsul, os politarcas, o conselho, a assembleia do povo; b) Altas patentes militares; c) Grandes e bem-sucedidos comerciantes na cidade, campo, pesca e comércio exterior; d) Judeus: grupo classista, ligado a Jerusalém pela sinagoga; e) A Classe média que quer se tornar rica: funcionários públicos, fiscais, cobradores de impostos, medios comerciantes, oficiais de baixa patente, arquitetos, pregadores profissionais (mestres de filosofia) etc. Nos *dominados*, que eram a classe oprimida pelo império, encontramos a) Trabalhadores manuais e assalariados; b) Lavadeiras, domésticas e prostitutas; c) Biscateiros; d) Escravos e desempregados; e) Os cristãos, lentamente, começam a fazer parte dessa classe. Esses serão os perseguidos.¹⁶⁶

A população de Tessalônica não era tão grande. Crossan afirma que na época de Paulo, era de “cerca de quarenta mil habitantes”.¹⁶⁷ Para ele o que contava era a sua privilegiada localização e não o tamanho da população.¹⁶⁸

Não é possível encontrar nas cidades do Império Romano, e isso inclui Tessalônica, uma presença tão marcante dos jovens. No entanto, Hilário Dick afirma que “os jovens, apesar de não terem lugar de destaque ou de reconhecimento, não estavam ausentes”.¹⁶⁹ A educação da criança era confiada à cidade, e não à escola.¹⁷⁰ Dick ainda afirma que “Aos 12 anos, portanto, o menino deixava o ensino elementar; aos 14 abandonava as vestes infantis e tinha o direito a fazer tudo o que o jovem gosta de fazer; aos 16-17 anos podia optar pela carreira pública”.¹⁷¹

¹⁶⁵ BÍBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Vida Nova, 2005. p.639.

¹⁶⁶ FERREIRA, 1990, p.12-13.

¹⁶⁷ CROSSAN, John Dominic. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. Tradução Jaci Maraschin. São Paulo: Paulinas, 2007. p.148.

¹⁶⁸ CROSSAN, 2007, p.148.

¹⁶⁹ DICK, Hilário. *Gritos silenciados, mas evidentes. Jovens construindo juventude na história*. São Paulo: Loyola, 2003, p.96.

¹⁷⁰ DICK, 2003, p.98.

¹⁷¹ DICK, 2003, p.98.

3.1.2.2 Ambiente Econômico

A cidade estava localizada em uma região estratégica que ligava o Oriente ao Ocidente. Uma via principal romana – a Via Egnatia – cortava Tessalônica, o que fazia dela um local de grande circulação econômica. A cidade tinha um porto por onde mercadorias oriundas de várias localidades passavam, o que dava à cidade um status comercial privilegiado fazendo de Tessalônica “um importante centro comercial de alimentos, grande produtora de mineração, madeira e produtos manufaturados, bem como um ponto central de comunicação do império [...]”.¹⁷²

Apesar de todo esse fluxo comercial, é importante destacar que Roma controlava os meios de produção assim como o comércio, além de cobrar pesados tributos das cidades dominadas.¹⁷³ Ferreira oferece relevantes informações sobre o aspecto econômico de Tessalônica, e queremos apresentá-las aqui:

Ela tornou-se um importante centro comercial de alimentos, grande produtora de mineração, madeira e produtos manufaturados, bem como um posto central de comunicação do império nas direções norte-sul e leste-oeste. Contrastando com esta opulência, havia um grande número de trabalhadores escravos. A riqueza de poucos e a pobreza de milhares co-existiam. As várias fontes de riquezas da cidade foram desigualmente distribuídas. A administração romana favorecia uma pequena elite, deixando a grande população em extrema pobreza.¹⁷⁴

A distribuição econômica da cidade de Tessalônica, na época do apóstolo Paulo, não era tão diferente da que nós encontramos nas cidades brasileiras atualmente. A maneira como as fontes de riquezas das cidades são distribuídas é altamente seletiva. Então hoje não há tanta diferença assim, apesar da distância cronológica. Poucos com muito, e muitos com quase nada, é o que predomina, lamentavelmente.

3.1.2.3 Ambiente Político

Tessalônica era dominada politicamente pelo Império Romano. O imperador nessa época – 51 d.C – era Cláudio (governou de 41 a 54 d.C). A ele é atribuída a expulsão dos

¹⁷² FERREIRA, 1990, p.10.

¹⁷³ FERREIRA, 1990, p.10.

¹⁷⁴ FERREIRA, 1990, p.10.

judeus de Roma “por causa de alguns tumultos que, segundo Seutônio, ‘se tinham dado por instigação de um tal *Chrestus*’”.¹⁷⁵ Tenney comenta que:

É incerto se Seutônio entendia por *Chrestus* a Cristo e, portanto, se referia a alguns distúrbios entre os judeus ocasionados pela pregação de Jesus como Cristo; ou se *Chrestus* era o nome autêntico de alguns dos insurgidos. De qualquer modo, a expulsão dos judeus terá sido, porventura, aquela que causou a saída de Áquila e Priscila de Roma (At 18.2).¹⁷⁶

Provavelmente, segundo Crossan, quem administrava a província eram os romanos de nascimento.¹⁷⁷ Os judeus também tinham uma força política em Tessalônica. Eles estavam, diferentemente de outros povos sob o domínio romano, “dispensados de prestar culto ao imperador e à religião romana”.¹⁷⁸

Nesse contexto a comunidade cristã aparece como uma força de resistência não apenas religiosa, mas também política, tendo em vista que para ela o *Kyrios* (Senhor) era Jesus Cristo, e não o imperador romano. Sendo assim, uma simples saudação como a do início da carta: “Paulo, Silvano e Timóteo, à igreja dos tessalonicenses, em Deus Pai e no Senhor Jesus Cristo: Graça e paz vos sejam dadas” (I Ts 1.1), era considerada subversiva.¹⁷⁹

Não era tarefa fácil para as comunidades cristãs que estavam nascendo no primeiro século manter a sua fé e professar a sua convicção em um ambiente extremamente hostil. O Império Romano gozava de extrema força e era respeitado pelas suas inúmeras conquistas. Para Ferreira, a *ekklesia* (igreja) “resiste à política opressora imperial, proclamando Jesus Cristo como seu *Kyrios* e vivendo a experiência do igualitarismo”.¹⁸⁰

3.1.2.4 Ambiente Religioso

No âmbito religioso encontramos alguns aspectos interessantes na cidade de Tessalônica. Novamente recorremos ao trabalho de Joel Ferreira quando ele afirma que:

¹⁷⁵ TENNEY, Merrill C. *O Novo testamento sua origem e análise*. Tradução Antonio Fernandes. São Paulo: Shedd Publicações, 2008. p.21.

¹⁷⁶ TENNEY, 2008, p.21.

¹⁷⁷ CROSSAN, 2007, p.149.

¹⁷⁸ FERREIRA, 1990, p.14.

¹⁷⁹ CROSSAN, 2008, p.156.

¹⁸⁰ FERREIRA, 1990, p.16.

Havia em Tessalônica, várias religiões místicas, principalmente gregas. Havia o culto de Serapis e Dionysius, bem como os santuários em honra de Aphrodite, Deméter, Zeus e Asclepius. Todos estes cultos, desde o tempo dos gregos, eram manipulados pelas instituições cívicas. Tinham um papel importante na manutenção do sistema.¹⁸¹

Crossan informa que entre 1920 e 1939 foi descoberto um “inteiro complexo sagrado dedicado aos deuses egípcios Sarápis e Isís, mas foi coberto, selado e se construiu sobre ele”.¹⁸² Isso mostra o caráter diversificado do exercício da prática religiosa entre os de Tessalônica.

Talvez o aspecto mais interessante das práticas religiosas praticadas naquela cidade fosse o culto ao imperador. Como afirmou Merrill Tenney:

O culto ao imperador não foi estabelecido arbitrariamente. Desenvolveu-se gradualmente da crescente atribuição de honras sobre-humanas ao imperador e do desejo de centralizar nele a obediência do povo. Júlio Cesar foi, depois de sua morte, chamado *Divus Julius*. Desde o tempo de Augusto, todos os imperadores eram divinizados em sua morte por voto do Senado, embora muitos não levassem essa honra muito a sério.¹⁸³

O culto ao imperador funcionava como uma espécie de controle de Roma, tendo em vista a distância da capital do Império das demais províncias. Era a maneira que o Império utilizava para manter as cidades unidas e sob a sua vigilância. Tinha um caráter mais político do que religioso. Para Karl Dondfried, Tessalônica aclamou Júlio como deus.¹⁸⁴ Sendo assim “o culto oficial em todo o império era o da religião romana.”¹⁸⁵

As brevíssimas informações de ordem social, econômica, política e religiosa nos ajudarão a compreender alguns temas que são abordados dentro da perícopes escolhida para esse trabalho. Além de contribuir para uma visão panorâmica da carta. Antes, porém, de abordarmos esses temas, queremos apresentar um detalhe do ponto de vista estrutural da perícopes:

¹⁸¹ FERREIRA, 1990, p.17.

¹⁸² CROSSAN, 2008, p.148.

¹⁸³ TENNEY, 2008, p.79.

¹⁸⁴ DONDFRIED, Karl P. *Os cultos imperiais de Tessalônica e o conflito político em 1 Tessalonicenses*. p.214-220. In: HORSLEY, Richard A. *Paulo e o Império: religião e poder na sociedade imperial romana*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Paulus, 2004.

¹⁸⁵ FERREIRA, 1990, p.18.

- a) A ideia de que a perícopre de 5. 1-11 seja uma inclusão mais tardia na carta. Conforme atestam Osmar Witt¹⁸⁶ e Howard Marshall. Marshall observa que:

G. Friedrich [...] propôs que 5. 1-11 é uma interpolação por um escritor posterior que desejava corrigir a crença de Paulo de que a parusia estava bem próxima, e tratar o problema causado pela demora da parusia. O interpolador quis contrabalançar o efeito do significado claro de 4.15, que é que Paulo esperava estar com vida na parusia.¹⁸⁷

Apesar de alguns indícios, essa afirmação não é defendida pela maioria dos autores do Novo Testamento que já citamos até aqui. Kümmel afirma que: “[...] ela é uma epístola real em todo o resto de sua estrutura, uma epístola que nasceu numa situação específica e única um testemunho pessoal da obra missionária de Paulo”.¹⁸⁸

Para concluirmos essa seção, queremos mostrar que C. Timóteo Carriker divide a perícopre da seguinte forma: a) no primeiro versículo, há uma afirmação da questão que não será tratada e a razão pela sua não-exposição; b) no segundo versículo, aparece o princípio empregado para a não-solução do problema; c) nos versos 3-10, há explicações autoritárias do princípio; d) no verso 11, a conclusão consequente da exortação mútua.¹⁸⁹

3.2 “Tempo, tempo, tempo, tempo” - Entendendo o Chronos e o Kairós

A perícopre começa com o seguinte texto: “Mas, irmãos acerca dos tempos e das épocas, não necessitais de que se vos escreva” (I Ts 5.1). As palavras que aparecem no texto grego para “tempos” é *Chronos* (Χρόνων), e para “épocas” é *Kairós* (καιρον). Iremos analisar os dois termos, tentando identificar a maneira como os mesmos eram entendidos no contexto em que foram citados.

¹⁸⁶ WITT, Osmar. *I Tessalonicenses 5. 1-11*. Auxílios homiléticos. Disponível em: <www.luteranos.com.br/portal/site/conteúdo.php?idConteúdo=14214. Acesso: 26 dez. 2012.

¹⁸⁷ MARSHALL, 1993, p.60.

¹⁸⁸ KÜMMEL, 1982, p.333.

¹⁸⁹ CARRIKER, C. T. *A Hermenêutica escatológica de Paulo: I Tessalonicenses 4.13-5.11*. In: *Práxis Evangélica I*. Faculdade Teológica Sul Americana, 2002 .p.9-35.

3.2.1 Chronos

A mitologia grega em sua *teogonia* apresenta *Chronos* como aquele que devorava seus filhos. Ele casou-se com a irmã, Reia, “mas toda a vez que ela engravida e dá à luz um recém-nascido, Cronos rapidamente o engole inteirinho, para não correr o risco de que ele se revolte um dia como ele próprio se revoltou contra seu pai”.¹⁹⁰ É atribuída a ele a mutilação de seu pai, Uranos, que conseqüentemente foi “o primeiro a entender o quanto os filhos podem ameaçar a ordem, o poder estabelecido e que se acha estar sobre controle”.¹⁹¹ Luc Ferry apresenta a lista dos filhos de *Chronos*:

Héstia, a deusa do lar, isto é, a que protege a família, Deméter, a das estações (em latim se chama Ceres e é de onde vem a palavra “cereais”), Hera, que em breve se tornará esposa de Zeus, o futuro rei de todos os deuses, Poseidon o deus do mar, Hades o dos infernos, e, por último Zeus, o caçula que vai se tornar rei de todos os demais.¹⁹²

O termo era utilizado por autores famosos, como: Homero, Sófocles, Aristóteles, Josefo, dentre outros.¹⁹³ Alguns significados eram atribuídos ao termo *Chronos*. Podemos destacar que, para o homem grego, era “um poder que inescapavelmente determinava sua vida”¹⁹⁴; também era visto como “um tipo de juiz, que traz tudo à luz”¹⁹⁵; era visto também como aquele que sara as feridas, mas “não pode salvar pessoa alguma da morte.”¹⁹⁶

Interessa-nos o uso que o Novo Testamento faz do termo. Encontramos a designação de um espaço de tempo ou ponto de tempo; encontramos também *Chronos* como uma conexão com um evento específico. Provavelmente este é o sentido do termo na passagem que estamos analisando.¹⁹⁷

¹⁹⁰ FERRY, Luc. *A sabedoria dos mitos gregos: aprender a viver II*. Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p.56.

¹⁹¹ FERRY, 2009, p.56.

¹⁹² FERRY, 2009, p.57.

¹⁹³ BROWN, Colin; COENEM, Lothar (orgs.) *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. VI. 2.ed. São Paulo: Vida Nova 2000, p.2465-2466.

¹⁹⁴ BROWN; COENEM, 2000, p.2465.

¹⁹⁵ BROWN; COENEM, p.2465.

¹⁹⁶ BROWN; COENEM, p.2466.

¹⁹⁷ Sugerimos a leitura completa do verbete no *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, já citado em nosso trabalho.

3.2.2 Kairós

Enquanto *Chronos* aparece como um tempo determinado, *Kairós* é visto como um tempo indeterminado. “[...] *Kairós* caracteriza uma situação crítica, que exige uma decisão, para a qual o homem, talvez, é levado pela fatalidade.”¹⁹⁸ *Kairós* é o tempo da *oportunidade*, um *momento apropriado*, o *momento certo*.

Paulo utilizou o termo 30 vezes em suas cartas.¹⁹⁹ Geralmente o uso do termo em Paulo está relacionado a um *tempo de decisão*. Conforme afirmou John Caputo:

As primeiras comunidades do Novo Testamento viviam com um sentido da incerteza das coisas, da contingência radical e da incognoscibilidade do ‘tempo’ por vir (*kairos*), da hora marcada, do dia do Senhor, e realçaram a necessidade de cuidado e de vigilâncias permanentes.²⁰⁰

O espírito que marcava essas comunidades era o do não-domínio das coisas. Bem diferente da nossa sociedade moderna, tecnocrática e cientificista, que anseia ter o domínio de todas as coisas, de ter domínio através da técnica. O *Kairós* é o imensurável, é o tempo não demarcado, o tempo que não pode ser controlado. O *Kairós* é o tempo que não pode ser conhecido, por isso exige contínua expectativa; é o tempo da imprevisibilidade, por isso exige total vigilância.

No contexto da carta aos Tessalonicenses o termo está ligado aos últimos dias, tem uma dimensão escatológica. Nesse caso, “usa-se o tempo *cronos*, que é o tempo da duração das coisas, e o tempo *Kairós*, o tempo presente, oportuno, de agora [...]”.²⁰¹ Na análise do *Dicionário Vine* há uma interessante observação sobre o uso de *Kairós* em I Ts 5.1:

Em I Ts 5.1, na frase ‘dos tempos e das estações, o termo “tempos” (*chronos*) refere-se à duração do intervalo anterior à parousia de Cristo e à duração que o tempo ocupará [...], como também outros períodos; o termo estações diz respeito às características destes períodos²⁰².

¹⁹⁸ BROWN; COENEM, 2000, p.2459.

¹⁹⁹ BROWN; COENEM, 2000, p.2462

²⁰⁰ CAPUTO, John. *Desmistificando Heidegger*. Tradução Leonor Aguiar. Lisboa: Instituto Piaget, 1993, p. 68.

²⁰¹ SILVA, Valmor da. *As dores de parto e o nascimento na literatura bíblica*. Estudos bíblicos, 65, p.9-25, Petrópolis: Vozes, 2000. p.23

²⁰² VINE, W.E; UNGER, Merril F.; WHITE, Willian. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Tradução Luis Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 1013.

3.2.3 O tempo kairológico na vida da Juventude Cristã

A juventude cristã vive, em sua maioria, na inquietude do tempo. Não é incomum encontrar jovens que na tenra idade se sentem como se já fossem de avançada idade. É a sensação de que “*chronos*” continua devorando os seus sonhos. “Não tenho tempo”, comumente ouvimos. Há um acúmulo de atividades que tem gerado uma geração de jovens cansados, preocupados com *o que virá*.

No contexto de Tessalônica, o que se via naquela comunidade era uma apreensão desmedida para saber como as coisas seriam. Esse é o desejo do ser humano: ter controle sobre o tempo, de dominar as coisas, de saber ao certo como tudo vai acontecer. Esse desejo leva fatalmente à inquietude e à ansiedade.

A resposta de Paulo para essas inquietações revela uma chave que se aplica a nossa realidade atual. Não é importante saber a data e a hora, importante mesmo é viver de maneira consciente no tempo. Como afirmou Christian Dubois:

[...] O essencial não é a data e a hora. O essencial é um certo modo de “viver o tempo”, no saber exato da indisponibilidade do momento. Não uma data (*Was*), mas uma maneira de ser o tempo em relação com o momento indisponível. Aqui e agora, em toda data e hora, “a religiosidade cristã vive a temporalidade”²⁰³.

Importante nesse caso é o modo de *ser-no-mundo*. Isso faz toda a diferença. Todo tempo é tempo de oportunidade, todo tempo é tempo de decisão. Somos controlados pelo tempo cronológico, mas precisamos ter a consciência de que a vida cristã está orientada pela dinâmica kairológica. Novamente citamos Christian Dubois quando afirma que “o cristão vive no mundo como todo mundo, neste mundo – mas sua relação com o mundo, no como, seu ser-no-mundo, enfim, é transfigurada”.

²⁰³ DUBOIS, Christian. *Heidegger: introdução a uma leitura*. Tradução Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 205.

3.3 Sabia que vocês já sabem?

No versículo dois aparece o seguinte: “vós mesmos sabeis”. No texto grego encontramos: “*ακριβω οἴδατε*”. Significam, respectivamente, “acuradamente/cuidadosamente” e “conheceis”. Ou seja, a ideia que se depreende desses termos é que os da comunidade de Tessalônica tinham um *saber acurado* a respeito do que Paulo estava falando. O verbo está no indicativo perfeito “vós tendes conhecido”.

Quando Paulo afirma que eles já “sabem acuradamente”, quer dizer que, na relação do *ser* em proximidade com Deus, existe a possibilidade de discernir o tempo e entender a maneira como os eventos da existência se desdobram. Nesse caso não é um saber objetivante, e sim um saber a partir da experiência. Não há preocupação com o “quando”. Conforme afirmou Heidegger: “Este saber deve ser um saber todo peculiar, pois Paulo remete os tessalonicenses a si mesmos e o saber que possuem a respeito do seu ter-se-tornado.”²⁰⁴

Paulo está mostrando aos irmãos de Tessalônica que não precisam se preocupar com aqueles que fazem projeções e que tentam adivinhar a data da *parousia* (vinda de Cristo). Vocês *sabem* que o dia do Senhor virá como o ladrão, é o que Paulo afirmou, mas o que significa o “Dia do Senhor”? É o que veremos a seguir.

3.4 “Dia do Senhor”, o que é isso?

A ideia de “Dia do Senhor” já consta na literatura veterotestamentária. Como afirmou Nestor Miguez:

A figura do ‘Dia do Senhor’, de modo diferente da linguagem da *parusia*, já é bem conhecida desde o Antigo Testamento, e aparece num dos mais antigos escritos veterotestamentários, Amós, como uma expressão já tradicional (Amós 5,18).²⁰⁵

A expressão pode ser encontrada na Bíblia nos dois testamentos. Em ambos tem uma conotação de um juízo escatológico e de uma salvação escatológica. Para Heber Carlos de Campos, Dia do Senhor “é um dia da visitação de Deus, quando Deus intervém com ira

²⁰⁴ HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da vida religiosa*. Tradução de Enio Paulo Giachini; Jairo Ferrandin; Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2010, p.91.

²⁰⁵ MÍGUEZ, Nestor O. *Para não ficar sem esperança: A apocalíptica de Paulo em ITs como linguagem da esperança*. p. 41-58. In: *Apocalíptica: Esperança dos pobres*. RIBLA. N.7. Petrópolis; São Leopoldo: Vozes; Sinodal, 1990.p.50.

diretamente na história de um povo específico ou do mundo.”²⁰⁶ Em Joel 1.15 encontramos que “o Dia do Senhor está perto”. Osmar Witt defende que:

O Dia do Senhor é no Antigo Testamento o dia do juízo de Javé (Am 5.18,20; Jl 2.1; Sf 1.14), em Paulo ele é o dia da vinda de Cristo (I Co 1.8; 2 Co 1.14; Fp 1.6,10; 2.16), no qual também haverá juízo (I Co 5.5), mas o qual os cristãos também esperam alegremente (I Ts 4.15), pois será para eles um dia de salvação (ITs 1.10).²⁰⁷

Provavelmente, o uso que Paulo faz de “Dia do Senhor” advém da tradição veterotestamentária quando os profetas falam do “Dia de Javé.”²⁰⁸ Nesse sentido fica evidenciada a ideia da intervenção divina na história humana. A consciência de um tempo kairológico, de juízo divino, estimula a viver em estado de vigilância. Assim sendo, não há lugar para a acomodação, e sim uma convocação a um estado de alerta contínuo.

O contrário da vigilância é o *adormecimento*. A observação feita por Luiz Hebeche é extremamente relevante nesse contexto. Ele diz que:

O adormecimento é a indiferença e a perda de orientação da presença divina; o adormecimento é o não estar pensando, é o deixar-se abandonar nas crenças e nos costumes cotidianos. O adormecimento é costume. No adormecimento a fé se torna um hábito ou uma atividade mecânica.²⁰⁹

Talvez essa experiência do adormecimento no sentido aqui proposto seja algo comum ao jovem. Esse adormecer atua como um instrumento de distanciamento do divino. Adormecer, nesse caso, reflete uma vivência instrumentalizada pelo mero religiosismo e que não consegue desfrutar de uma experiência profunda de encontro. A experiência religiosa fica reduzida apenas ao rito, ao repetitivo, sem poder desfrutar de um relacionamento amoroso com Deus; o que possibilita uma verdadeira experiência do sagrado. No adormecimento, no mero ritualismo da existência, o sagrado é dominado e vira objeto para satisfazer necessidades imediatas.

²⁰⁶ CAMPOS, Heber Carlos de. O cumprimento próximo do “Dia do Senhor” na profecia de Joel. p.101-126. In: *Fides Reformata* –v.1,n.1. São Paulo: Mackenzie, 1996. p.102.

²⁰⁷ WITT, Osmar. *I Tessalonicenses 5. 1-11*. Auxílios homiléticos. Disponível em: <www.luteranos.com.br/portal/site/conteúdo.php?idConteúdo=14214>. Acesso: 26 dez. 2012.

²⁰⁸ DUNN, 2003, p.361.

²⁰⁹ HEBECHE, Luiz. *O Escândalo de Cristo*: Ensaio sobre Heidegger e São Paulo. Ijuí: Unijuí, 2005. p.98.

A lição do “Dia do Senhor”, da *parousia*, “pegará o mundo de surpresa e despreparado, mas não os crentes.”²¹⁰ É interessante o uso da símile “como um ladrão”, que vai aparecer do mesmo jeito em II Pedro 2.10a “Mas o dia do Senhor virá como um ladrão”. A mesma ideia aparece em Mateus 24.42-44 e Lucas 12.39s. Esse é o tempo da imprevisibilidade, mas não para quem sabe acuradamente e vive em vigilância. A ideia central da metáfora em relação ao Dia do Senhor é a necessidade do preparo (ver Lucas 12.39). Aquele dia virá para os que não estão esperando.²¹¹ As seduções do nosso tempo têm distraído os nossos jovens. Muitos têm vivido no adormecimento e na acomodação. Observamos que eles vivem na ilusão, achando que “temos todo tempo do mundo” – como cantou Renato Russo em “Tempo Perdido.”²¹² O jogo da sociedade capitalista aumenta essa ilusão. A propaganda capitalista e consumista anuncia que “temos nosso próprio tempo” e que “somos tão jovens”. A consciência de que virá o “Dia do Senhor” desfaz a postura de indiferença e de falsa segurança que esse tipo de mentalidade consumista traz.

3.5 Tudo o que eu quero é viver em “paz e segurança”

No terceiro versículo da perícopa aparece a expressão que vamos examinar aqui. Diz assim: “Quando andarem dizendo: Há paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida, e de modo nenhum escaparão.”

Quando Paulo escreveu sua carta à comunidade de Tessalônica, o Império Romano gozava de estabilidade política e econômica. Tendo em vista as suas inúmeras conquistas com o seu poderoso e fiel exército, Roma alcançou o respeito e ao mesmo tempo gerou medo naqueles que em alguma ocasião pensaram em guerrear contra ela. Esse período ficou conhecido como a *pax romana*.

Vamos analisar inicialmente o que significava essa *pax romana*. Marga Stroher observou que “a pax romana se representou alguma estabilidade pela ausência de guerras ou redução das mesmas, é uma paz estabelecida a partir de uma política de anexação de

²¹⁰ MARSHALL, 1993, p.31.

²¹¹ CARRIKER, 2002, p.30.

²¹² A faixa “*Tempo Perdido*” pode ser encontrada no álbum “*Dois*”, lançado em 1986 pela Banda Legião Urbana (Gravadora EMI). Disponível em: <
http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Discografia_de_Legi%C3%A3o_Urbana> Acesso em 20 maio 2013.

territórios, subjugação de povos e taxaço da populaço.”²¹³ Klaus Wengst observou o seguinte: “A *pax Romana* está [...] indissolvelmente ligada ao Império Romano, ao poder de comando a partir de Roma. Com isto torna-se claro, já a partir dos conceitos, que é uma paz determinada ‘de cima’, estabelecida pelo centro do poder.”²¹⁴ Na verdade a *pax romana* era um instrumento de propaganda do Império para manter suas províncias sobre controle. A *pax romana* foi conquistada através de meios militares e apenas a elite romana era beneficiada por ela. Roma controlava e retirava o máximo das riquezas das províncias que dominava. Paz nesse sentido é sinônimo de poder. Conforme relatou Crossan:

Augusto escreveu em seus *Atos* que “as vitórias asseguravam a paz”. Bem aventurados os que fazem a guerra para obter a paz. A *pax romana* não era mera qualidade estática ou simplesmente ausência de guerra, mas busca dinâmica exigindo vigilância constante e desejo permanente de batalhar contra o inimigo. Pax não era algo que existia por si, mas algo que se devia construir.²¹⁵

O slogan “Paz e segurança” utilizado por Paulo pode ser compreendido nesse horizonte da propaganda imperial. Para Helmut Köester trata-se de um termo político, é um slogan político. *Pax et securitas* é atribuído melhor ao domínio da propaganda imperial romana.²¹⁶ Para Paulo, o Dia do Senhor vai abalar essa estrutura do Império. Enquanto *paz e segurança*, no âmbito da propaganda imperial, é o desejo de conservar as coisas do jeito que estão; o Dia do Senhor inaugura uma nova ordem das coisas. Na visão paulina a ‘paz e segurança’ do Império é falsa, com isso ele faz um ataque frontal ao Império Romano.²¹⁷

A crítica paulina pode servir como estímulo para denunciarmos no nosso tempo toda estrutura de dominação e controle. Os modelos totalitários e autoritários da nossa sociedade precisam ser confrontados. Paulo demonstra uma coragem que é pouco vista em nossos dias. Em geral o que se observa é uma tendência a acomodação, a preservação do *status quo*, ficar na chamada zona de conforto.

²¹³ STROHER, 2007, p.62.

²¹⁴ WENGST, Klaus. *Pax Romana: pretensão e realidade: experiências e percepções da paz em Jesus e no cristianismo primitivo*. Tradução Antonio M. da Torre. São Paulo: Paulinas, 1991. p.19.

²¹⁵ CROSSAN, 2007, p.100.

²¹⁶ KÖESTER, Helmut. *A ideologia imperial e a escatologia de Paulo em 1 Tessalonicenses*. p.161-168. In: HORSLEY, Richard A. *Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Paulus, 2004, p.164.

²¹⁷ ELLIOT, Neil. *Libertando Paulo: a justiça de Deus e a política do apóstolo*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1998. p.250.

Para Luiz Hebeche “aqueles que falam em ‘paz e segurança’ abstêm-se da experiência da expectativa e, por isso, serão surpreendidos.”²¹⁸ Isso aponta para outra possibilidade de leitura da expressão “paz e segurança”, no âmbito pessoal; a do *conforto/acomodação*. Conforme observa John Caputo, “a vida, a existência, a história nunca podem ser grandiosas se deixarem embalar por um amor à facilidade.”²¹⁹ Com isso, a juventude cristã precisa entender que viver em plenitude é um contínuo desafio. Os riscos da caminhada são imensuráveis, e não é possível atingir níveis elevados da existência se não formos confrontados. Os embates e as lutas da vida nos tiram da zona de conforto; na qual, geralmente queremos estar. Não é possível alcançarmos as montanhas altas, se nos acomodamos na planície.

O reconhecimento de que “*virá repentina destruição*” leva-nos a vivermos a vida abandonando a sua tendência da mesma em querer instalar-se confortavelmente. É reconhecer que a *vida fática* - a vida concreta e histórica - exige movimento dinâmico e não acomodação. Como afirmou Caputo: “Como ser de cuidado, a vida fática tem necessidades e querer e movimenta-se (*bewegt*) constantemente por forma a satisfazer essas necessidades, vivendo em contínua instabilidade, em *kinêsis*.”²²⁰ Para Heidegger, “não há segurança alguma para a vida cristã; a contínua insegurança é também o que caracteriza as significações fundamentais da vida fática.”²²¹

Concluimos essa parte citando mais uma vez Luiz Hebeche, quando ele afirma que: “Aqueles que almejam ‘paz e segurança’ estão nas trevas, mas ‘nós, os filhos do dia’ podemos ver as ‘tarefas e ocupações da vida fática’ e ver, principalmente, que não há data marcada para a parusia.”²²² É justamente sobre a diferença entre ser “do dia” ou “da noite” que nos ocuparemos em seguida.

3.6 Do “dia” ou da “noite”?

“Todos vós sois filhos da luz, e filhos do dia. Nós não somos da noite, nem das trevas”. Esse é o quinto versículo da nossa perícopa. Alguns estudiosos observam nesse texto

²¹⁸ HEBECHE, 2005, p.131.

²¹⁹ CAPUTO, 1993, p.66.

²²⁰ CAPUTO, 1993, p.72.

²²¹ HEIDEGGER, 2010, p.93.

²²² HEBECHE, 2005, p.131.

a influência da literatura apocalíptica judaica no pensamento paulino.²²³ Nesse ponto, porém, queremos analisar ser do “dia” ou da “noite” numa perspectiva Heideggeriana, fenomenologicamente, conforme consta em seu livro *Fenomenologia da Vida Religiosa*²²⁴, mas mediada pelas reflexões feitas por Luiz Hebeche.

Hebeche afirma que “a ‘noite’, porém, é uma metáfora para as mentes poluídas pelas seduções desse mundo. Por isso, é preciso estar desperto. Tornar-se cristão é estar em constante vigília.”²²⁵ Não é difícil encontrarmos aqueles que são da noite. Entre eles estão muitos jovens. Vivem em uma condição de negação da vida, num afastamento do ser mais próprio, vivem na impropriedade. Com isso o que geralmente alimenta o seu modo de *ser-no-mundo* é a banalidade das relações infrutíferas e a corrida destemperada pelo prazer efêmero, é a vida do consumo para suprir necessidades existenciais. Como afirma Karin Wondracek, “As pessoas são seduzidas pelo apelo dos objetos, ao invés de lidarem criativamente com a sua vida. A vida passa pela concretude da aquisição de algo – infelizmente também na esfera do religioso²²⁶” Ser da noite é viver abaixo do limite das reais possibilidades. É a escolha por viver no mínimo da capacidade, enquanto poderia atingir níveis elevados.

Heidegger associa o termo anterior “paz e segurança” com estar na escuridão, ou ser da noite:

Os que dizem “paz e segurança (5,3), entregam-se ao que a vida lhes dá, ocupam-se de qualquer tarefa da vida. Deixam-se absorver por aquilo que a vida oferece; eles estão na escuridão no que diz respeito ao saber sobre eles mesmos. Em contrapartida, os crentes são filhos da luz e do dia.²²⁷

Ser do dia é saber sobre si mesmo. É ter conhecimento da sua real condição. É viver no estado de propriedade. É conseguir discernir a realidade dada. Ser do dia é estar atento, consciente de que o retorno do Messias não é datável, pois virá “como um ladrão da noite”, sendo assim não há possibilidade de surpresa.²²⁸ Ser do dia é investir em realidades permanentes e consistentes, é a possibilidade de experienciar a vida em sua plenitude. É,

²²³ A análise minuciosa desse aspecto não será tratada nesse trabalho. Sugerimos a leitura do livro *O misticismo apocalíptico do apóstolo Paulo: Um novo olhar nas cartas aos Coríntios na perspectiva da experiência religiosa*, de Jonas Machado, Editora Paulus. Além dos artigos sobre apocalíptica já citados anteriormente.

²²⁴ Obra citada na nota 158.

²²⁵ HEBECHE, 2005, p.97.

²²⁶ WONDRAECK, Karin H. K. *Aconselhamento em tempos de barbárie*. p.273-287. In: Estudos Teológicos. v.50. n.2. São Leopoldo: EST, 2010, p.277.

²²⁷ HEIDEGGER, 2010, p.93-94.

²²⁸ HEBECHE, 2005, p.98.

numa linguagem paulina, “viver no Espírito”. Essa experiência só é possível no “tornar-se cristão”, o que veremos a seguir.

3.7 O ponto alto do *Ser*: o tornar-se Cristão

Os temas analisados até aqui são os mais importantes dessa perícopa e possuem uma relação com os temas que abordamos no início desse trabalho, em relação à Juventude Cristã Universitária. A juventude cristã que vive nesse tempo de *angústia* e *desamparo* precisa de orientação e de recursos para vencer esses obstáculos. Temos defendido de que o texto bíblico pode ser essa ferramenta de ajuda para a superação desses desafios da contemporaneidade.

As questões colocadas em nosso tempo nos desafiam a um modo (como) de viver nesse tempo. O *ser* é convocado a dar uma resposta diante dos absurdos do real. O texto escrito por Paulo funcionou como uma ferramenta de ajuda para aquela angustiada comunidade em Tessalônica. O escrito de Paulo é circunstancial, porém, oferece soluções e conforto que ultrapassam a barreira cronológica e cultural que separam a nossa sociedade contemporânea da dele.

Apesar de o nosso foco ter sido o capítulo 5, dos versículos de 1 a 11, não podemos perder a “visão de conjunto” da carta paulina. Paulo mostra que há uma experiência possível para superar os desafios do seu tempo: “o tornar-se Cristão”. Foi isso que Heidegger mostrou em sua análise da carta de Paulo aos Tessalonicenses e Luiz Hebeche confirma essa posição quando afirma que “a contribuição relevante de Heidegger foi a de mostrar o caráter dramático desse mundo, e com isso, marcar a diferença entre o mundo clássico e o mundo do “tornar-se cristão.”²²⁹

Essa experiência do tornar-se cristão, não como uma adesão a um credo religioso, mas como uma experiência de encontro profundo com Deus possibilita o ajustamento do *Ser* nesse tempo. Paulo teve essa experiência e sabe dos impactos profundos que esse encontro ocasionou, por isso “[...] Heidegger afirma que Paulo vivenciou (*erfährt*) (sic) os tessalonicenses de dois modos: 1. Ele vivencia seu “haver-se tornado”

²²⁹ HEBECHE, 2005, p.99.

(Gewordensein/γεννηθηα); e 2. Ele vivencia um “saber-se” (Wissen/οιδατε) do seu haver-se tornado.”²³⁰

É o “*tornar-se*” e o “*saber-se haver-se tornado*” que potencializa o jovem cristão universitário a *Ser*. Essa dimensão instrumentaliza o jovem a enfrentar os desafios mais rigorosos da existência, inclusive tira-o da condição da acomodação, do adormecimento, levando-o a enfrentar o real com todas as suas vicissitudes, sem busca de escapismos para fugir do real. Esse senso de vigilância contínua, da consciência de que “virá repentina destruição”, tira o jovem de um modo de viver superficial e capacita-o a enfrentar o mundo como ele é. Inclusive ajuda-o a reconhecer a sua finitude.

Sem a consciência da finitude da existência, provavelmente não será possível fazer as perguntas mais profundas e compreender o sentido absoluto do existir. Com essa compreensão é possível buscar um modo de se colocar no mundo de maneira mais autêntica, sem fugas, nem atalhos. Em Paulo há o desafio do tornar-se cristão. Com essa nova posição é possível encarar a existência com todas as suas complexidades. Luiz Hebeche afirma que:

É essa tensão fática do cristianismo que Heidegger tenta resgatar metaforicamente, privilegiando, porém, a noite. A morte, como noite total, faz parte da nossa condição, não mais como passagem para a vida eterna, mas como indicação da nossa intimidade mais próxima.²³¹

Não basta ao jovem cristão universitário “dizer ser” cristão. É necessário o “saber ser” e todas as possibilidades que advêm desse saber não objetivante. Saber-se cristão é discernir a diferença entre *Chronos* e *Kairós*; saber-se cristão é ter um conhecimento acurado da realidade de maneira que os embates da existência não nos atemorizem, nem nos desanimem. Saber-se cristão é não ter a fé entorpecida pelo costume, vivendo com isso na impropriedade. Saber-se cristão é ter a consciência que “paz e segurança” prometidas pela estrutura mundana, são ilusórias e temporárias.

²³⁰ HEBECHE, 2005, p.105.

²³¹ HEBECHE, 2005, p.96

CONCLUSÃO

Em tempos de “angústia e desamparo” a Juventude Cristã Universitária no Brasil é convidada, de Bíblia nas mãos, a encarar a vida. Cabe a nossa juventude o papel de propor uma sociedade diferente; de anunciar um tempo de mudanças; de fugir da acomodação e da falta de vigilância, que redundam em uma sociedade consumista, mergulhada na “vida agorista”, do adquirir e juntar. A juventude cristã pode mostrar que outro mundo é possível.

O pensamento do Apóstolo Paulo convida-nos a alimentarmos esse sonho de termos uma sociedade orientada para a convivialidade e para a partilha. Nesse modelo, não há lugar para estratificação social, nem para o individualismo, pois todos fazem parte da mesma comunidade; e, por isso, são “irmãos”. Sendo assim, o mundo-líquido no qual estamos inseridos, orientado para o consumo, que distingue “os que têm”, dos que “não têm”, é denunciado, demonstrando que outra realidade é possível.

Em Paulo, somos desafiados a não termos medo do futuro. A consciência do jovem cristão faz com que ele não tema o *Chronos* – que devora projetos -, e viva na experiência da decisão, da oportunidade, orientada pelo *Kairós*. A experiência com Deus é o recurso necessário para o jovem cristão não temer o futuro. Mesmo que ele se esforce para ser aprovado em um concurso público, esse esforço não é pelo medo do que virá, não é para colocar a sua esperança nessa estrutura que pode garantir “paz e segurança”, mas porque entende que é um caminho possível para sua carreira profissional.

A leitura da Bíblia ajuda nesse caminho, pois no encontro com o texto – em que lemos o texto, e o texto nos lê – somos convidados a interpretar a realidade; e nesse processo somos convidados a agir para mudá-la. A Bíblia pode educar o jovem cristão a ler a realidade à luz da realidade de Deus; e, sendo assim, no processo de interpretação da Bíblia, o jovem cristão, no embate com a vida, trabalha para ver a realidade transfigurada. Nesse sentido, a realidade ilumina a Bíblia e a Bíblia ilumina a realidade.

O Ser Cristão *possibilita* a mudança da realidade. Começa na experiência da mudança individual que se estende para a inter-relação. Na dimensão kairológica, do encontro com Deus, o jovem cristão, que é do “dia” e não da “noite”, pode exortar os outros jovens, assim como edificá-los. É *estar-no-mundo-com-os-outros*, mas não se deixar moldar pelo estilo de vida dos que são da “noite”, dos que vivem na impropriedade. Enquanto ser da “noite” é contentar-se com relacionamentos superficiais e acomodar-se a realidade dada, no fatalismo do “a vida é assim!”, ou “todos fazem desse jeito!”; ser do “dia” é viver em constante vigilância, atento aos movimentos da sociedade e trabalhando para que a vida mude.

O Ser Cristão potencializa o jovem universitário a fugir do caminho das facilidades, do prazer imediato, da vida embalada pelo amor à facilidade, da inocência de imaginar que terão uma paz imperturbada, e a viver num contínuo exercício de reflexão profunda. Esse estado de vigilância, que foge do adormecimento e que o conduz à agitação da vida concreta, é a experiência do Ser Cristão. Não pensamos a agitação, nesse caso como inquietude, mas como consciência do dinamismo da vida concreta, da vida fática.

Tornar-se cristão é mais que uma experiência religiosa, é uma experiência de sentido, de desfrutar daquilo que pode dar sentido definitivo à vida. A leitura da Bíblia, observando com cuidado cada elemento apresentado no texto, pode conduzir o jovem universitário a essa experiência profunda de sentido. É importante destacar como um filósofo tão importante como Martin Heidegger entendeu, a partir do pensamento paulino, essa realidade.

Deixamos para esse momento final falarmos de um modo de ler a Bíblia chamado de “*Lectio Divina*.”²³² A *Lectio Divina*, que também é conhecida como *Leitura Orante da Bíblia*, é composta de quatro degraus: *leitura*, *meditação*, *oração* e *contemplação*. A *Leitura* é o passo que também encontramos nos métodos expostos nesse trabalho. É a aproximação ao texto para conhecer o que ele apresenta e examinar os seus detalhes internos e externos. A *Meditação* é o ruminar, dialogar, atualizar. Se na leitura queremos saber o que o texto diz, na meditação fazemos aplicação do texto, perguntando o que ele significa para nós. Na *Oração*, suplicamos, louvamos e recitamos, apresentando a Deus o nosso desejo de que a experiência do texto se concretize em nossa vida; é a nossa resposta ao Senhor. Na *Contemplação*, que é o último degrau, deixamos o Senhor nos conduzir, depois que lemos o texto e nos comprometemos com o que ele propõe, para olharmos a realidade da maneira com que Ele vê, somos desafiados a enxergar como Deus enxerga, a saborear e agir; colocamos em prática o desejo de Deus, deciframos o mundo e trabalhamos para sua transformação.

²³² A LEITURA ORANTE DA BÍBLIA. Coleção Tua Palavra é Vida. São Paulo: Loyola; CRB, 1990. p.14-32.

Desejamos que a nossa Juventude Cristã Universitária se aproxime dessa experiência de leitura, que os pode capacitá-la a viver de maneira mais plena, a partir do encontro com a Palavra de Deus. Nossas comunidades de fé podem e devem ser o espaço onde os jovens não sejam apenas desafiados a lerem a Bíblia, mas que recebam os recursos necessários para desenvolverem o “como ler”. No verdadeiro encontro com a Palavra de Deus eles serão capacitados a dialogar na sociedade contemporânea e a resistirem aos inúmeros desafios do nosso tempo.

Podemos viabilizar isso através de Escolas Bíblicas para Jovens²³³, com um programa de leitura libertadora que os desafie para a ação. Nesse espaço poderemos praticar com eles os diversos modos de ler o texto, como os que foram demonstrados nessa pesquisa. Na nossa experiência local, além da Escola Bíblica nós temos grupos que chamamos de ECOE (Estudo, Comunhão, Oração e Evangelização). São pequenos grupos nos quais os jovens se reúnem em dias e horários que sejam mais acessíveis para eles. Tendo em vista que o número de participantes de cada grupo é pequeno – no máximo dez – é possível a participação de todos. Sempre elaboramos uma pergunta no final das leituras, que nos desafie à prática. Incentivamos a leitura comunitária com a convicção de que seremos melhores se estivermos juntos. Cada comunidade deve buscar a melhor estratégia, de acordo com a sua realidade e necessidades, contanto que coloquemos a leitura criteriosa, libertadora e desafiadora como parte importante na experiência da nossa Juventude Cristã Universitária.

Alimentados por “paixões”, desejamos que a Juventude Cristã Universitária atinja o máximo de sua potencialidade; que consiga fazer da Bíblia Sagrada não apenas o livro da sua devoção infantil; mas, como ela foi durante a História da Igreja, um instrumento de anúncio e de denúncia, de reforma do *Ser* e da sociedade; fonte de sabedoria e de estímulo na caminhada; que capacite para os desafios de hoje e ao mesmo tempo gere esperança para o amanhã.

Concluimos essa pesquisa desejosos de que a Juventude Cristã Universitária Brasileira seja impulsionada, através da leitura da Bíblia, a transformar a realidade, entendendo, todavia, que só será possível realizá-la na dependência de Deus. Desejamos também que ela encontre na Bíblia, a partir da escuta ao texto, recursos para viver segura em tempos de “angústia e desamparo”.

²³³ BRITO, Walderes. *Escolas Bíblicas para Jovens: 7 olhares*. São Paulo: Loyola; CCJ; CNBB, 2001.

REFERÊNCIAS

A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA NA IGREJA. Pontifícia Comissão bíblica. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfaith_doc_19930415_interpretazione_po.html#I. MÉTODOS E ABORDAGENS PARA A INTERPRETAÇÃO> Acesso em: 07 Maio 2013.

A LEITURA ORANTE DA BÍBLIA. Coleção Tua Palavra é Vida. São Paulo: Loyola; CRB, 1990

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Org.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Instituto da Cidadania, 2005.

ABROMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007.

ANGLADA, Paulo. *Introdução à Hermenêutica Reformada – Correntes Históricas, Pressuposições, Princípios e Métodos Linguísticos*. Ananindeua: Knox Publicações, 2006.

ARENS, Eduardo. *A Bíblia sem mitos – uma introdução crítica*. Tradução Celso Márcio Teixeira. São Paulo: Paulus, 2007.

AZEVEDO, Walmor Oliveira de. *O que é ler?* In: *Métodos para ler a Bíblia*. Estudos bíblicos n.32. Petrópolis; São Leopoldo: Vozes; Sinodal, 1991

BADIOU, Alain. *São Paulo: a fundação do universalismo*. Tradução Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2009.

BARBOSA, Lívía.(org.). *Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BETTO, Frei. *Religião do consumo*. Disponível em: <<http://www.ufrn.br/sites/engenhodesonhos/mediateca/artigos/Religiaodoconsumo.pdf>> Acesso em: 4 fev. 2013

BÍBLIA SAGRADA. *Almeida Séc. XXI*. Coordenação Luiz Alberto Teixeira Sayão. São Paulo: Vida Nova, 2008.

BÍBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamentos. São Paulo: Vida Nova, 2005.

BOFF, Leonardo. *Tempo de Transcendência*. O ser humano como um projeto infinito. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

BRAKEMEIR, Gottfried. *A autoridade da Bíblia – controvérsias; significado; fundamento*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2012.

BRITO, Walderes. *Escolas Bíblicas para Jovens: 7 olhares*. São Paulo: Loyola; CCJ; CNBB, 2001

BROWN, Colin; COENEM, Lothar (orgs.) *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. VI 2. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2004.

CACIA-BAVA, Augusto; COSTA; Dora Isabel Paiva da. *O lugar dos jovens na história brasileira*. p. 64. In: CACIA-BAVA, Augusto; PÂMPOLS, Carles Feixa; CANGAS, Yanko Gonzáles.(orgs.) *Jovens na América Latina*. Tradução Augusto Cacia-Bava. São Paulo: Escrituras, 2004

CAMPOS, Heber Carlos de. *O cumprimento próximo do “Dia do Senhor” na profecia de Joel*. In: *Fides reformata* –v.1, n.1. São Paulo: Mackenzie, 1996.

CAPUTO, John. *Desmistificando Heidegger*. Tradução Leonor Aguiar. Lisboa: Instituto Piaget, 1993

CARRIKER, C. T. A Hermenêutica escatológica de Paulo: I Tessalonicenses 4.13-5.11. In: *Práxis Evangélica I*. Faculdade Teológica Sul Americana, Londrina, 2002.

CASAGRANDE, Moacir; BORDIGNON, Livino *Pistas para uma pastoral da juventude*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1982.

CASTRO, Mary Garcia. *Quebrando mitos: juventude, participação e políticas*. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de políticas Públicas de Juventude. Brasília: RITLA, 2009.

CENSO 2010. IBGE. Disponível em < WWW.censo2010.ibge.gov.br/apps/mapa/ > Acesso em: 04 fev. 2013.

- CROSSAN, John Dominic. *Em busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano*. Tradução Jaci maraschin. São Paulo: Paulinas, 2007.
- DAUNIS, Roberto. *Jovens: desenvolvimento e identidade – troca de perspectiva na psicologia da educação – São Leopoldo: Sinodal, 2000.*
- DELL'AGGLIO, Débora Dalbosco; KOLLER, Silvia Helena. *Adolescência e juventude: Vulnerabilidade e contextos de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- DICK, Hilário. *Gritos silenciados, mas evidentes. Jovens construindo juventude na história*. São Paulo, Loyola, 2003.
- DREHER, Martin. *Bíblia suas leituras e interpretações na história do cristianismo*. São Leopoldo: CEBI; Sinodal, 2006.
- DUBOIS, Christian. *Heidegger: introdução a uma leitura*. Tradução Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- DUNN, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. Tradução Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003
- ECHEGARAY, González J; et al. *A Bíblia e seu Contexto*. Tradução Antônio Eduardo Quirino de Oliveira; Mário Gonçalves. São Paulo: Ave Maria, 2010.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Tradução Rogério Fernandes. E-book. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ELLIOT, Neil. *Libertando Paulo: a justiça de Deus e a política do apóstolo*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1998.
- ENCICLOPÉDIA Histórico-teológica da Igreja Cristã. VI. 3 (N-Z).Editor Walter A. Elwell. Tradução Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- FEE, Gordon D; STUART, Douglas. *Entendes o que lêes? Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. Tradução Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2002.
- FERREIRA, Joel A. *Sociologia da comunidade de Tessalônica*. Petrópolis:Vozes, 1990.
- FERRY, Luc. *A sabedoria dos mitos gregos: aprender a viver II*. Tradução Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009
- FERRY, Luc; GUACHET, Marcel. *Depois da Religião: o que será do homem depois que a religião deixar de ditar a lei?.* Tradução Nícia Adan Bonatti. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008.

FITZMYER, Joseph A. *A interpretação da Escritura: em defesa do método histórico-crítico*. Tradução Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 2011.

FRAGA, Paulo; LULIANELLI, Jorge Atílio Silva; (orgs.). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREITAS, Maria Virgínia de. Juventude: mapeando a situação. In: BEOZZO, José Oscar (org.). *Curso de Verão: Ano XXI: juventude: caminhos para outro mundo possível*. São Paulo: Paulus, 2007.

FRYE, Northrop. *O código dos códigos*. Tradução Flávio de Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

GASDA, Élio Estanislau (org.). *Sobre a Palavra de Deus: hermenêutica bíblica e teologia fundamental*. Petrópolis: Vozes; PUC Goiás, 2012.

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática*. Tradução Norio Yamakini et al. São Paulo: Vida Nova, 1999.

GRÜN, Anselm. *A proteção do Sagrado*. Tradução Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2005.

HEBECHE, Luiz. *O Escândalo de Cristo: ensaio sobre Heidegger e São Paulo*. Ijuí: Unijuí, 2005

HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da vida religiosa*. Tradução de Enio Paulo Giachini; Jairo Ferrandin; Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____, _____. *Ser e Tempo*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2008.

HORSLEY, Richard A. *Paulo e o Império: religião e poder na sociedade imperial romana*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Paulus, 2004.

KÖRTNER, Ulrich H. J. *Introdução à Hermenêutica Teológica*. Tradução Paul Tornquist. São Leopoldo: Sinodal;EST, 2009

JUVENTUDE, JUVENTUDES: *o que une e o que separa*. Brasília: Unesco, 2006. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=64654> Acesso em: 15 maio 2013.

KÜMELL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução Paulo Feine. São Paulo: Paulus, 1982 .

LARA, Valter Luiz. *A Bíblia e o desafio da interpretação sociológica: introdução ao primeiro testamento à luz de seus contextos históricos e sociais*. São Paulo: Paulus, 2009.

LIBÂNIO, J. B. *O mundo dos jovens: reflexões teológico-pastorais sobre os movimentos de juventude da igreja*. São Paulo: Loyola, 1978.

_____. *Para onde vai a juventude? Reflexões pastorais*. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. *Jovens em tempo de pós-modernidade : considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004.

LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus intérpretes : uma breve história da interpretação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas – Iniciação à análise narrativa*. Tradução Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2009.

MARQUES, Luciana Fernandes; SANTOS, Elder Cerqueira; DELL'AGLIO. *Religiosidade e identidade positiva na adolescência*. In: *Adolescência e juventude: vulnerabilidade e contextos de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

MARSHALL, I. Howard. *I e II Tessalonicenses: introdução e comentário*. Série cultura bíblica. Tradução Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1993.

MENEGUCE, Anderson Pimentel. *Juventude e religiosidade: como os jovens se relacionam com o transcendente, a moral e a educação*. São Leopoldo, 2009.

MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras: um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2007.

MÍGUEZ, Nestor O. *Para não ficar sem esperança: a apocalíptica de Paulo em I Ts como linguagem da esperança*. In: *Apocalíptica: esperança dos pobres*. RIBLA. n.7. Petrópolis; São Leopoldo: Vozes; Sinodal, 1990.

MUELLER, Enio R. *Caminhos de reconciliação: a mensagem da Bíblia*. Joinville: Grafar, 2010.

ONFRAY, Michael. *Tratado de ateologia: física da metafísica*. Tradução Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007

RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Religiosidade jovem: pesquisa entre universitários*. São Paulo: Loyola; Olho d'Água, 2009.

ROCCA, Susana María. *Resiliência, espiritualidade e juventude*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2013.

ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio da Loucura*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

SCHENELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. Tradutora Monika Ottermann. Santo André; São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2010.

SCHINELO, Edmilson (org.). *Leitura Bíblica: a juventude mostra o caminho*. São Leopoldo: CEBI, 2011.

SILVA, Valmor da. As dores de parto e o nascimento na literatura bíblica. *Petrópolis: Vozes*, 2000. Estudos bíblicos, 65, p.9-25.

SOARES, Sebastião A. G. *Reler Paulo: desafio à igreja*. Série A palavra na vida 79/80. São Leopoldo: CEBI, 2004.

SOUZA, Sócrates Oliveira de. *Pacto e comunhão: documentos batistas*. Rio de Janeiro: Convicção, 2010.

STOTT, JOHN R. W. *Crer é também pensar*. A importância da mente na vida cristã. Tradução Milton A. Andrade. São Paulo: ABU, 2001.

STRECK, Valburga Schmiedt. *Juventude, identidade e comunidades virtuais*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, Escola Superior de Teologia, v. 50, n. 2, jul. 2010.

STROHER, Marga. *Cuidado com os que proclamam paz e segurança – Eis que virá destruição e dor: uma escatologia da resistência em I Tessalonicenses?* *Petrópolis: Vozes*, 2007. Estudos bíblicos, V 93 p.59-64.

TENNEY, Merrill C. *O Novo testamento sua origem e análise*. Tradução Antonio Fernandes. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

THOMÉ, Luciana Dutra; TELMO, Alice Queiroz; KOLLER, Silvia Helena, (orgs.). Inserção laboral juvenil: contexto e opinião sobre definições de trabalho. In: *Adolescência e juventude: vulnerabilidade e contextos de proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

VIELHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva : introdução ao Novo Testamento, aos apócrifos e aos pais apostólicos*. Tradução Ison Kayser. Santo André: Academia cristã, 2005.

VINE, W.E; UNGER, Merril F.; WHITE, Willian. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Tradução Luis Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

VIRKLER, Henry A. *Hermenêutica Avançada: princípios e Processos de Interpretação Bíblica*. Tradução Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 1999.

WENGST, Klaus. *Pax Romana: pretensão e realidade: experiências e percepções da paz em Jesus e no cristianismo primitivo*. Tradução Antonio M. da Torre. São Paulo: Paulinas, 1991.

WITT, Osmar. *I Tessalonicenses 5. 1-11*. Auxílios homiléticos. Disponível em:
<www.luteranos.com.br/portal/site/conteúdo.php?idConteudo=14214>. Acesso: 26 dez. 2012.

WONDRACEK, Karin H. K. Aconselhamento em tempos de barbárie. p.273-287. In: *Estudos Teológicos*. v.50. n.2. São Leopoldo: EST, 2010.